

www.revistanascente.com.br

Ano XXIX • Nº 178
Kislev / Tevet 5782 • Nov / Dez 21

NASCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haim

A menorah with nine lit white candles is the central focus. To the left, a vase holds pink and purple flowers. In the foreground, there are several round, fried doughnuts (sufganiot) and a book of prayer with a black cover and gold accents. The background is a warm, golden glow.

CHANUCÁ SAMÊACH!

DE CRIANÇA
PARA CRIANÇA
Achados e
Perdidos

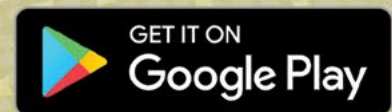
DINHEIRO
EM XEQUE
Bomba-Relógio

APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!





Como merecer proteção Divina:

Em momentos de **alegria**, em momentos de **tristeza**,
antes de uma **viagem**, por uma **salvação** ou **cura**.

Envie seu nome aos *Guedolê Yisrael* para uma *berachá* e para que seja lembrado nos locais sagrados por tudo o que você precisa!



0800-891-6701

Ou doe diretamente: www.kupat.org





Nº 178

Capa:

O Acendimento da Chanukiyá. Comemorando, pág. 43.

Expediente

A revista Nascente é um órgão bimestral de divulgação da Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010 - São Paulo - SP
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400
Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.000 exemplares

O conteúdo dos anúncios e os conceitos emitidos nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da diretoria da Congregação Mekor Haim ou de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados. Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de Guenizá estão assinaladas.

NASCENTE

Nesta Edição



43

Comemorando
"O Acendimento da Chanukiyá".



18

Variedades I
"A Vida em Outro Mundo".



54

De Criança Para Criança
"Achados e Perdidos".
Chayim Walder



33

Leis e Costumes I
"Bênçãos em Diversos Tipos de Sopas".
Rabino I. Dichi

12

Pensando Bem I
"Detalhes".

46

Passatempos
"Pega Palavras, Jogo dos 7 Erros e outros desafios".

40

Variedades II
"Boas Bondades".
R. Kalman Packouz z"l

34

Pensando Bem III
"O Verdadeiro Herói".

35

Pensando Bem IV
"A Borboleta e a Flor".

28

Pensando Bem II
"Pensamentos".

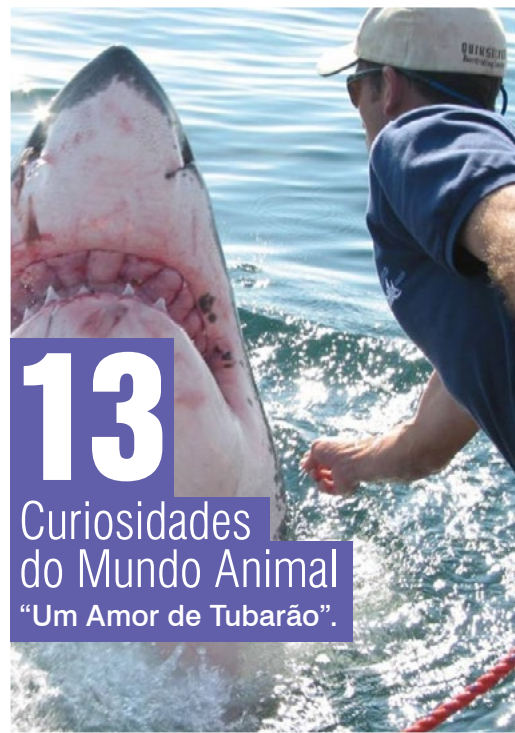


38

Guimatriyá
"Shabat".
Vita S. Gornel

07

Dinheiro em
Xeque
"Bomba-Relógio".



09

Era Uma Vez
"Os Três Amigos".

42

Variedades II
"A Pausa".

13

Curiosidades
do Mundo Animal
"Um Amor de Tubarão".

10

Visão
Judaica I
"Ação e
Pensamento".

25

Visão
Judaica II
"Olhar Para
Trás".
R. Yochanan David
Salomon

50

Datas e Dados
"Datas e horários
judaicos, parashiyot e
haftarot para os meses
de Kislev e Tevet".

29

Visão
Judaica III
"Terrorismo,
Cubos de
Açúcar e Filé".
R. Aryeh Z.
Ginzberg

16

Quem Sabe
Responde
"Um Desafio à
Sua Sabedoria".

36

Leis e
Costumes II
"Leis
Relacionadas
com a Oração
de Shachrit".
Rabino I. Dichi

14

Infantil
"O Pequeno
Juiz".

Ramban explica que a salvação do patriarca Yaacov das mãos de seu irmão Essav foi providenciada por D'us, Que o salvou “do mais poderoso”. Ele ressalta que a história de todos os desentendimentos entre Essav e Yaacov ensina que sempre haverá conflitos entre os descendentes de Yaacov e os de Essav; e o Todo-Poderoso sempre salvará o Povo de Israel.

Isto foi constatado continuamente no decorrer da história do povo judeu, fisicamente mais fraco que os seus opressores, mas ajudado por D'us. Em todas as guerras recentes de Israel temos observado a ajuda óbvia de D'us contra os inimigos.

Nos dias de *Chanucá* recitamos o trecho *Al Hanissim*. Nesta passagem consta que D'us entregou, milagrosamente, os fortes nas mãos dos fracos e muitos nas mãos de poucos. Portanto, *Chanucá* não comemora uma vitória natural simbolizada pela força.

O conceito de que D'us salvou Yaacov *Avinu* das mãos de seu opressor mais poderoso (Essav), é expresso também na oração de *Arvit*, com a passagem: “*Porque D'us redimiu Yaacov e livrou-o da mão do mais forte que ele*”. O nosso sentimento de fraqueza deve nos levar a concluir que não temos em quem nos apoiar, a não ser em D'us, Que nos salvou e sempre salvará.

Nossos sábios instituíram que devemos divulgar o milagre de *Chanucá* – *pirsumê nissá* – e acender a *chanukiyá* na janela ou na porta de casa, para que sejam visíveis aos transeuntes.

A *mitsvá* de divulgação de um milagre existe também em *Purim*, com a leitura da *Meguilat Ester*, e em *Pêssach*, com os quatro copos de vinho. No entanto, os sábios enfatizaram a *mitsvá* justamente em *Chanucá*, pois existiria uma “brecha” para pensarmos que a vitória ocorreu pela força natural dos *macabim*.

Os gregos eram numerosos. No princípio, os

yehudim se perguntavam como poderiam vencê-los e Yehudá *Hamacabi* respondia que D'us era Quem os salvaria. E realmente foi assim. D'us, com Sua piedade, salvou os *yehudim* das mãos dos gregos.

Os gregos quiseram abolir a prática de três *mitsvot*: *berit milá*, *rosh chôdesh* e *Shabat*. Eles davam muito valor ao material, à plenitude física e à glória dos homens.

Fisicamente, pode-se dizer que o *berit milá* enfraquece o corpo. Mas, conforme ensina o Rambam, cumprimos esta *mitsvá* para enfraquecer o mau instinto dos pecados ligados com o desejo físico. Isto fortalece o espírito. Os gregos, que davam demasiada importância ao corpo, queriam, portanto, abolir a *mitsvá* de *berit milá*.

Os meses e as solenidades judaicas são definidos de acordo com as fases da Lua. No início D'us criou o Sol e a Lua do mesmo tamanho. A Lua reclamou dizendo que “dois reis não governam com uma só coroa”. Como castigo ela foi diminuída e também passou a representar a fraqueza. Os gregos tentaram, então, acabar com as leis de decretação do *rosh chôdesh*, já que eram dependentes deste “símbolo da fraqueza”, contrário aos seus ideais de poder e glória.

A terceira *mitsvá* que os gregos proibiram foi a observância do *Shabat*. O *Shabat* é um dia especial que deve ser dedicado aos temas espirituais e não aos cotidianos. Esta *mitsvá* também fortalece diretamente o espiritual e enfraquece o material. Por isso os gregos desejavam revogá-la.

A grande lição de *Chanucá* é, portanto, que a nossa salvação depende exclusivamente de D'us, independente do poder dos nossos opressores, e que nossas vidas devem ser priorizadas no sentido de uma elevação dos valores espirituais. ■



Bomba-Relógio

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

Efráyim era um ladrão profissional.

Numa linda manhã ensolarada ele arrombou um luxuoso carro e conseguiu fugir para fora da cidade.

Na estrada, resolveu dar uma paradinha para comer algo e esticar as pernas. Estacionou o carro no acostamento e dirigiu-se a um quiosque de beira de estrada para comprar algo para comer e beber.

Neste momento aconteceu algo incrível!... Uma grande explosão fez tremer todo o lugar! O “carro novinho” de Efráyim havia explodido!

Acontece que o carro roubado pertencia a Eitan, que tinha muitos “amigos” suspeitos.

Alguns dias antes, Eitan se desentendera

com alguns de seus amigos, que decidiram colocar uma bomba-relógio no *chassi* do seu carro.

A explosão não causou nenhum dano físico a ninguém. Porém o carro ficou reduzido a pó.

Eitan acabou descobrindo quem havia roubado seu carro e agradeceu profundamente a Efráyim, seu novo “amigo”, por ter salvo sua vida. Mesmo assim não deixou de cobrar dele o valor do carro. Alegou que “amigos, amigos; negócios a parte”. Se Eitan roubou seu carro inteiro, deveria devolvê-lo inteirinho também.

Efráyim, por sua vez, não quis pagar. Argumentou que uma vez que o carro já estava “engatilhado” antes do roubo, é como se ele não tivesse roubado nada!

Com quem está a razão?

Antes do veredicto sobre este incidente, cabe citar outro caso parecido e seu veredicto:

Moti era um comerciante, proprietário de uma *delicatessen*. Certo dia, um freguês chamado Pini começou a discutir com ele por causa de uma partida de futebol.

Pini era um sujeito “estourado”. No calor da discussão, quebrou todas as garrafas de whisky importado que havia na loja e foi embora, deixando Moti com um grande prejuízo.

Moti ficou arrasado. Aquelas garrafas quebradas tinham sido contrabandeadas por ele quando regressara de uma viagem à Escócia. Faziam parte de uma produção especial, sendo muito valiosas.

Restou-lhe limpar o local, retirando os cacos e o whisky derramado.

Assim que Moti terminou a limpeza, chegaram dois fiscais da Receita Federal e vasculharam toda a loja à procura de mercadorias ilegais não declaradas.

Os fiscais procuraram muito, mas não acharam nada. E tudo isso, graças a Pini, que havia quebrado

todas as garrafas contrabandeadas de whisky. Se ele não as tivesse quebrado, Moti estaria encrencado com a Receita Federal e teria que pagar uma multa várias vezes superior ao prejuízo pela perda da mercadoria.

A pergunta que surge é a seguinte: Será que Pini tem que ressarcir Moti pelas garrafas quebradas?

Este caso foi apresentado a alguns rabinos. Eles afirmaram que Pini deveria pagar, pois no momento em que quebrou as garrafas criou uma dívida. O que aconteceu depois, quando acabou salvando Moti de uma enorme multa, é algo distinto, e não o isenta de pagar pelo prejuízo causado anteriormente.

O Veredicto

Aparentemente podemos aprender do segundo incidente para o nosso caso. Poderíamos afirmar que, no momento em que Efráyim roubou o carro, comprometeu-se a devolver o bem roubado ou pagar o valor dele. Portanto, apesar de ter salvo a vida de Eitan, Efráyim estaria obrigado a pagar-lhe o valor do carro roubado.

No entanto, o Rav Yitschac Zilberstein disse que há uma grande

diferença entre os dois casos. No caso do automóvel, a bomba-relógio estava colocada no carro antes de ter sido roubado. Sendo assim se, por exemplo, Eitan o tivesse vendido para alguém naquele momento e depois o carro explodisse, ele estaria obrigado a devolver o dinheiro recebido, já que foi uma transação fraudulenta.

Portanto, Efráyim está isento de pagar a Eitan. É como se ele tivesse comprado um ferro velho, um carro explodido.

Um carro com uma bomba oculta pronta para explodir a qualquer momento não vale um centavo!

Do semanário “Guefilte-mail”

(guefiltemail@gmail.com).

Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagaon Yitschac Zilberstein Shelita. Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulchan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.



Para receber a revista NASCENTE gratuitamente em São Paulo, preencha esta ficha e envie para: Rua São Vicente de Paulo, 276 CEP 01229-010 São Paulo – SP ou pelo fax: 11 3660-0404



Sim, eu quero receber, gratuitamente a Revista NASCENTE em São Paulo

Nome: _____

Endereço: _____

São Paulo - SP

CEP: _____ Fones: _____

E-mail: _____

Instituição judaica que frequenta: _____



Os Três Amigos

Um homem tinha três amigos: ao primeiro, amava muito; ao segundo, estimava bem menos; quanto ao terceiro, ele nem o levava em conta.

Um dia este homem foi chamado com urgência perante o rei. Temendo ter sido caluniado e ser incapaz de se defender sozinho, ele se propôs a levar consigo o amigo por quem tinha tanta afeição. Mas este, após ter escutado com compaixão as palavras insistentes deste homem, afastou-se e recusou-se a acompanhá-lo.

Desencorajado, caminhou para a casa de seu segundo amigo, aquele que ele estimava bem menos. E este lhe disse: “Infelizmente eu só posso acompanhá-lo até o palácio do rei. Tudo o que eu posso fazer é estar ao seu lado até a entrada do parque real, mas lá eu me sentirei obrigado a abandoná-lo à sua sorte”.

Triste e abatido, o homem dirigiu-se, na falta de melhor opção, àquele que considerava muito pouco seu amigo e ao qual nem levava em conta. E para sua grande surpresa, este lhe

disse: “Não tema nada, meu caro amigo. Eu entrarei com você até o rei e falarei em seu favor tanto quanto for necessário”. E efetivamente ele manteve a palavra.

* * *

O primeiro amigo do homem, aquele que ele estima de uma maneira toda especial, é o dinheiro, o ouro, a riqueza; mas este amigo o abandona no momento de sua morte.

Aquele que ele estima menos é a família. Esta pode acompanhá-lo até a sepultura, mas lá ela o abandonará à sua própria sorte.

Há um terceiro amigo de todo homem – um amigo leal e fiel – que nos segue mesmo além da sepultura e intervém a nosso favor junto ao Rei, bendito seja, Que nos chama diante Dele; são as boas ações que nós realizamos aqui na Terra, agindo segundo a vontade de *Hashem*, nosso D’us.

Midrash sobre “Tehilim”



Ação e Pensamento

O que é mais importante nas mitsvot, o ato em si ou a boa intenção e os bons pensamentos?

Há um conceito básico geral no cumprimento das *mitsvot*: o principal na sua realização é a intenção do coração, os bons pensamentos da pessoa que as cumpre. Quanto mais introspecção houver, melhor estará sendo atingida a meta da *mitsvá*.

Mas este conceito parece contradizer uma realidade conhecida sobre a relação entre a ação e o pensamento – de que o ato em si tem prioridade sobre os pensamentos. Como podemos entender que a ação tem preferência sobre a intenção, se a intenção é mais importante?

Para entender esta aparente contradição, analisemos um exemplo. Este exemplo representa perfeitamente a realidade da relação entre a ação da *mitsvá* e as suas “*cavanot*” – as intenções durante sua realização.

Quando observamos um pavio aceso sobre o óleo, percebemos que ambos – o pavio e o

óleo – participam do acendimento da chama. Mas, de fato, quem é o principal causador da chama? Certamente é o óleo! É no óleo que se encontra todo o potencial de iluminação da chama. O óleo é o combustível. Mas, pelas leis da natureza, se não houver um pavio que sustente a chama e atraia o óleo, será impossível acender o óleo; e todo o potencial de luz não poderá ser revelado.

Na realidade, o homem precisa fazer um pequeno esforço – apenas acender o pavio – para que todo o óleo se queime sozinho. Mas, de fato, não é o ato inicial que ilumina. O potencial de iluminação – a energia – existente no óleo é que efetivamente transforma-se em iluminação. Para que esta iluminação exista, para que esta transformação de energia aconteça, o homem não precisa fazer nada após o ato inicial.

Desta forma é que se pode entender o efeito do cumprimento das *mitsvot*. Se perguntássemos onde está o potencial da luz das *mitsvot*, a luz espiritual verdadeira, certamente responderíamos que não está na mera ação. O simples ato não tem relação com a grande luz ocasionada pela *mitsvá*. Todo o potencial da iluminação espiritual das *mitsvot* está no íntimo do coração. Mas se perguntássemos quem tem prioridade na realização da *mitsvá*, de fato é a ação – sem ela nada começa a acontecer.

Esta prioridade deve ser encarada somente como no exemplo do pavio e do óleo. É somente por causa da ação inicial que o acendimento é possível. O ato é imprescindível e prioritário. Sem esta ação nunca todo o potencial do óleo seria revelado. Mas basta “despertar” o potencial do óleo com o acendimento do pavio, para que ele sozinho revele a luz contida no óleo. Certamente o óleo é que ilumina.

No caso das *mitsvot*, a ação da *mitsvá* desperta a iluminação contida potencialmente no íntimo de nossos corações – em nossas boas intenções e bons pensamentos.

Assim, entende-se também mais profundamente a comparação com o pavio do exemplo. O pavio deve seguir algumas condições para que se consiga manter a chama acesa. O

pavio deve ser preparado com antecedência, deve ser de um material de qualidade, deve estar limpo, ser previamente submerso no óleo. Um pavio de má qualidade e seco não manterá a chama acesa. Um pavio seco não estabelecerá qualquer ligação com o potencial de iluminação contido no óleo. Este conceito também é válido em relação aos atos. As simples ações devem ser mergulhadas na “gordura” do coração. O ato da *mitsvá* mais simples deve ser previamente despido do materialismo e envolto com a espiritualidade do coração. A ação deve ser preparada e embelezada com a sensibilidade do coração. Desta forma, certamente unirá com ela a luz íntima do coração – e o coração já acenderá por si.

Assim, fica claro o pedido em nossas preces diárias “*vehaer enênu Be-toratecha* – ilumine nossos olhos com a Sua *Torá*”, “*vedabec libênu bemitsvotecha* – e una nosso coração às Suas *mitsvot*”. Pedimos a D’us para unir nosso coração com o ato da *mitsvá*. Com isso, certamente a *Torá* iluminará nossos olhos.

Também fica bem esclarecida a ordem dos pedidos contidos em nossa prece “*Ahavat Olam*” (ou “*Ahavá Rabá*” para *ashkenazim*) antes do *Shemá Yisrael*. Nesta oração, antes falamos “*veten belibênu viná lehavin*

lehaskil lishmoa – dá ao nosso coração entendimento para compreender, para considerar, para ouvir”. Somente depois, dizemos “*lilmod ul’lamed lishmor velaassot ulcayem* – para aprender e para ensinar, observar, fazer e cumprir”. Em princípio, esta não deveria ser a ordem certa da oração. O mais lógico é que primeiro se estuda e, depois, o estudo penetra em nosso coração. Mas, conforme o raciocínio acima, antes do acendimento do pavio existe a necessidade de prepará-lo e colocá-lo no óleo para que ele possa gerar a luz. Da mesma forma, certamente é necessário que os atos de “*lilmod ul’lamed lishmor velaassot ulcayem* – aprender e ensinar, observar, fazer e cumprir” sejam “mergulhados” anteriormente na luz do coração de “*lehavin, lehaskil* – compreender, considerar”. Depois disso vem também o pedido de “*vedabec libênu bemitsvotecha* – apega ao nosso coração as Tuas ordenanças”, ou seja, una nosso coração e nossas ações. Pedimos que nossas ações e nosso coração estejam sincronizados, totalmente unidos. Desta forma, certamente a luz da *Torá* iluminará nossos olhos.

Baseado no livro “*Dáat Torá*”, Parashat Behaalotechá, de autoria do Rav Yerucham Mimir zt”l

Jovem Universitário Brasileiro

Aplique pelo site: www.weducate.com.br

Você é dedicado e comprometido com seus estudos? As bolsas de estudos do WEducate para cursinhos e faculdades são para você!

WEducate
create your future

JACOB BENCHIMOL

SERVIÇOS DE PINTURA E SINTECO

ALTA QUALIDADE
RAPIDEZ E LIMPEZA
COM PREÇOS
IMBATÍVEIS!

97681-1553

JACOBEN1818@GMAIL.COM

AUTÔ CADIMA
MULTIMARCAS

3333-1333

NOVO ENDEREÇO
AL. BARÃO DE LIMEIRA, 526

As Melhores Ofertas em “0Km” com garantia oficial de fábrica

autocadima@gmail.com 94642-8881

Detalhes

Um fósforo, uma bala de menta, uma xícara de café e um jornal: quatro detalhes para surpreender.

Um homem dirigia há horas. Cansado da estrada, resolveu procurar um hotel para descansar. Em poucos minutos, avistou um letreiro luminoso com o nome: “Hotel Venetia”.

Chegando à recepção, percebeu que o hall do hotel estava iluminado com uma luz suave. Atrás do balcão, a atendente saudou-o amavelmente com um rosto alegre: “Bem-vindo ao Venetia!”.

Três minutos depois, o hóspede já se encontrava confortavelmente instalado no seu quarto e impressionado com os procedimentos: tudo muito rápido e prático.

No quarto, uma discreta opulência: uma cama impecavelmente limpa, um fósforo grande sobre a lareira já na posição para ser riscado. Era demais! Aquele homem queria apenas um quarto para passar a noite, mas começou a pensar que estava com sorte.

Tomou banho e mudou de roupa. Desceu para tomar o chá que pedira para a atendente no momento do registro. Em dois minutos foi servido. Terminou o delicioso chá em cinco minutos. Fazia frio e ele estava ansioso pelo fogo da lareira.

Qual não foi a sua surpresa – alguém se antecipara a ele! Havia um lindo fogo crepitante na lareira. A cama estava preparada, os travesseiros arrumados e uma bala de menta sobre eles. Que noite agradável aquela!

Na manhã seguinte, o hóspede acordou com o som de um estranho borbulhar. Levantou da cama para investigar. Era uma cafeteira ligada por um *timer* automático, estava preparando o seu café. Junto a ela um cartão dizia: “Sua marca predileta de café. Bom proveito!” Era mesmo!

Como eles podiam saber desse detalhe?

De repente, lembrou-se: uma das perguntas que o garçom fizera ao servir seu chá foi qual a sua marca preferida de café.

Em seguida, ouviu um leve toque na porta. Ao abrir, havia um jornal. “Mas, como pode?! É o meu jornal! Como eles adivinharam?”. Na recepção a atendente também lhe perguntara qual jornal ele preferia.

O cliente deixou o hotel encantando. Feliz pela sorte de ter ficado num lugar tão acolhedor.

Mas, o que esse hotel fizera mesmo de especial? Além do atendimento cortês, apenas ofereceram um fósforo, uma bala de menta, uma xícara de café e um jornal!

Nunca se falou tanto na relação empresa cliente como nos dias de hoje.

Milhões são gastos em planos de marketing e, no entanto, o cliente está cada vez menos satisfeito, mais desconfiado. Mudamos o *layout* das lojas, pintamos as prateleiras, trocamos as embalagens, mas esquecemos das pessoas!

Os detalhes também contam, e muito – a valorização do relacionamento com o cliente. Fazer com que ele perceba que é um parceiro importante.

Isto vale também para nossas relações pessoais – amizade, família, casamento. Enfim, pensar no outro como ser humano é sempre uma satisfação para quem doa e para quem recebe.

Se levarmos em consideração os detalhes e a cordialidade nas relações interpessoais, seremos muito mais felizes. A verdadeira felicidade está nos gestos mais simples do nosso dia-a-dia e, na maioria das vezes, não damos atenção a eles! ■

Um Amor de Tubarão

Cindy quer dizer “muito obrigada”!

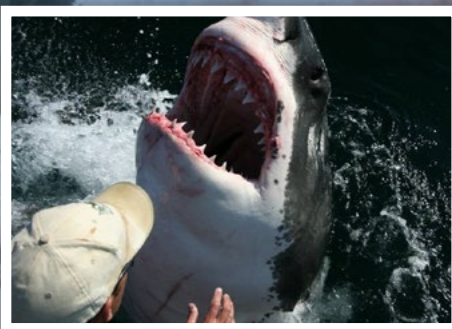
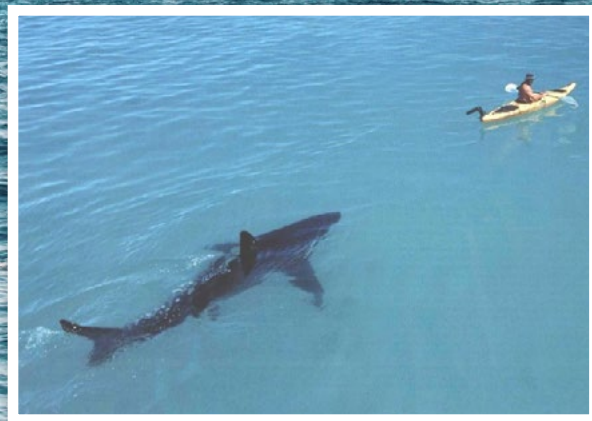
A revista francesa “Le Magazine des Voyages de Pêche”, na sua edição nº 56, traz uma notícia espantosa; uma história de amor admirável.

“Arnold Pointer, um pescador profissional do sul da Austrália libertou uma grande fêmea de Tubarão Branco *Carcharodon carcharias* das redes de pesca em que tinha ficado presa, livrando-a de uma morte certa. Agora este pescador tem um problema. Ele afirma: “Há dois anos que ela não me larga. Ela me segue por toda a parte. A sua presença faz fugir os peixes que quero pescar! Não sei mais o que fazer.”

É mesmo difícil livrar-se de um tubarão de uma espécie protegida medindo cinco metros!

Hoje existe uma afeição mútua entre “Cindy” e Arnold, que afirma: “A partir do momento que paro o barco, ela se aproxima, vira de costas para que eu lhe acaricie o ventre e o pescoço. Ela grunhe, gira os olhos, bate as barbatanas...”.

Simplesmente incrível!





O Pequeno Juiz

Existiam duas pequenas lojas no centro da cidade. Uma vendia especiarias – cravo, canela, perfumes – e a outra, óleos de vários tipos. As duas lojas eram vizinhas e apenas uma fina parede de madeira as separava.

A loja de óleos pertencia a um judeu e estava sempre cheia de clientes. Todos gostavam de comprar lá porque o dono era um homem muito justo. Assim, ele ganhava muito dinheiro nos negócios.

A loja de especiarias pertencia a um não judeu e eram poucas as pessoas que lá compravam, pois o dono não agia corretamente nos negócios e sempre tentava enganar os fregueses. Como seus negócios eram muito fracos, ele invejava seu vizinho.

Certa vez, o vendedor de especiarias voltou para sua loja tarde da noite. Silenciosamente,

sem que ninguém soubesse, fez um pequeno buraco na parede que dividia as duas lojas. A partir de então, dia após dia, espionava a loja do vendedor de óleo.

Alguns dias depois, quando espionava pelo buraco, o vendedor de especiarias viu o bom judeu contando seu dinheiro dentro de um lenço vermelho – cento e sessenta moedas de ouro!

– Uau! Quanto dinheiro! Ah se fosse meu... – sua inveja ferveu e ele teve uma “grande idéia” para roubar todo o dinheiro.

Saiu pelas ruas gritando: – Socorro, ajudem! Roubaram todo meu dinheiro – gritava, batia em suas faces e arrancava os cabelos.

Logo juntou uma multidão ao seu redor. Os policiais perguntaram:

– De quem você desconfia?

– Não havia ninguém aqui, somente meu vizinho, o vendedor de óleo. Ele viu quando guar-

dei minhas cento e sessenta moedas de ouro num lenço vermelho! – gritou o trapaceiro.

– Isto tudo é uma mentira! O dinheiro é todo meu! – gritou o verdadeiro dono. Mas ninguém acreditou e levaram-no para a prisão.

Chegou o dia do julgamento e os dois homens continuavam afirmando que eram os verdadeiros donos do dinheiro. Como o juiz não conseguia resolver o caso, transferiu a decisão para o tribunal superior, para o administrador da cidade.

O caso ficou famoso e todos queriam saber como seria resolvido o impasse.

Em uma linda tarde, o administrador da cidade foi passear no campo e ouviu vozes de crianças. Aproximou-se delas e ficou observando. Eram crianças judias que estavam brincando de julgamento.

As crianças nem perceberam o observador e continuaram com o julgamento:

– Agora vamos dar início ao julgamento do vendedor de óleo e do vendedor de especiarias! – dizia o pequeno juiz, de lindos olhos.

Os meninos estavam sentados em semicírculo e o “juiz” estava de pé sobre uma grande pedra. O julgamento começou e o administrador da cidade ouvia curioso. Queria saber qual o ve-

redicto – a decisão – do tribunal.

Um dos meninos, fazendo o papel do vendedor de óleo, levantou-se e falou: – As cento e sessenta moedas de ouro são minhas. É o dinheiro que ganhei em meu negócio.

– Mentira! – gritou outro menino, no papel de vendedor de especiarias – o dinheiro é meu. Eu havia guardado as moedas em meu lenço vermelho. Veio meu vizinho e roubou-me!

Depois de ouvir os pronunciamentos dos dois lados, levantou-se o pequeno juiz e ordenou:

– Tragam-me uma bacia com água quente. Coloquem dentro as moedas. Se desprenderem-se bolinhas de óleo, as palavras do vendedor de óleo são verdadeiras. O dinheiro lhe pertence, pois em sua loja as moedas se sujam facilmente de óleo. Se a água permanecer limpa, as palavras do vendedor de especiarias são verdadeiras. Assim decidiremos quem está falando a verdade!

Quando o administrador da cidade ouviu as palavras do sábio garoto, correu ao seu encontro e beijou-o carinhosamente em sua testa.

– Quão sábio és, meu jovem! Por favor, diga-me teu nome. A solução encontraste. No desfecho do julgamento ajudaste. Bênçãos de D’us recaiam sobre ti, pois um veredicto justo será dado por teu mérito!

Foi anunciado que no dia seguinte seria revelado o veredicto do famoso julgamento. Rapidamente espalhou-se a notícia e uma multidão foi ouvir o desfecho dos acontecimentos.

O juiz procedeu exatamente como havia recomendado o garoto no dia anterior. Dentro da bacia com água quente, desprenderam-se muitas bolinhas de óleo que subiram para a superfície.

– A quem pertencem estas moedas? – perguntou o juiz.

– Ao vendedor de óleo, ao vendedor de óleo! – diziam todos com entusiasmo.

Imediatamente devolveram o dinheiro ao vendedor de óleo e o vendedor de especiarias foi condenado à prisão.

Todos elogiaram a sabedoria do administrador da cidade, mas ele afirmou: – Não a mim vocês devem elogiar, mas a este jovem *iehudi*. Por mérito de sua grande sabedoria consegui resolver este julgamento.

A partir daquele dia, cresceu muito o respeito aos judeus. Todos viram que a sabedoria Divina é muito grande e encontra-se também nos pequenos jovens do Povo de Israel.

Este sábio menino tornou-se, no futuro, um grande *rav* e grande conhecedor da Torá – o *Rav Yehudá Löw ben Betsalel, Maharal de Praga, Zêcher Tsadik Livrachá*. ■

ANUNCIE AQUI!

Anunciando na Nascente seus conhecidos e amigos serão também seus clientes e você ainda estará colaborando para a divulgação dos valores judaicos!



Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da revista

NASCENTE

Cabe aos consumidores indagar sobre a supervisão rabínica



Um Desafio

1

As duas principais cidades-estado da Grécia eram:

- a) Atenas e Tróia
- b) Esparta e Atenas.
- c) Messênia e Esparta.
- d) Esparta e Tróia.

2

O pai de Alexandre, o Grande, era:

- a) Títus.
- b) Antíoco.
- c) Filipe da Macedônia.
- d) Nicanor.

3

O sábio e justo chefe da família Chashmonaí era:

- a) Shim'on Hatsadic.
- b) Rabi Tsadoc.
- c) Matityáhu.
- d) Rabi Yochanan ben Zacai.

4

A cidade onde começou a revolta chashmonaí foi:

- a) Modiín.
- b) Yerushaláyim.
- c) Metsadá.
- d) Betar.

5

A revolta judaica contra o Império Grego começou no ano de:

- a) 367 a.e.c.
- b) 167 a.e.c.
- c) 167 e.c.
- d) 367 e.c.

6

Quando o Rei Antíoco conquistou Jerusalém, decretou a proibição de cumprir as seguintes mitsvot:

- a) Shabat, cashrut e rosh chôdesh.
- b) Pureza do lar, berit milá e cashrut.
- c) Estudo da Torá, pureza do lar e berit milá.
- d) Shabat, rosh chôdesh e berit milá.

À Sua Sabedoria

A primeira noite de Chanucá é comemorada em:

- a) 15 de cheshvan.
- b) 25 de cheshvan.
- c) 15 de kislev.
- d) 25 de kislev.

A partir da primeira noite de Chanucá:

- a) Acrescenta-se uma nova vela à esquerda das primeiras.
- b) Acrescenta-se uma nova vela à direita das primeiras.
- c) Acrescenta-se azeite aos potes.
- d) Acrescenta-se um novo cântico aos anteriores.

Costuma-se colocar as velas de Chanucá:

- a) Da direita para a esquerda, mas devem ser acendidas da esquerda para a direita.
- b) Da esquerda para a direita, mas devem ser acendidas da direita para a esquerda.
- c) Da direita para a esquerda, e devem ser acendidas da direita para a esquerda.
- d) Da esquerda para a direita, e devem ser acendidas da esquerda para a direita.

Durante os dias de Chanucá:

- a) Recita-se o Hallel completo e faz-se a oração de Neilá.
- b) Recita-se o Hallel incompleto e faz-se a oração de Mussaf.
- c) Recita-se o Hallel incompleto e faz-se leituras especiais na Torá.
- d) Recita-se o Hallel completo e faz-se leituras especiais na Torá.

As velas de Chanucá são acesas:

- a) Antes do pôr-do-sol, inclusive no Shabat.
- b) Antes do nascer das estrelas, inclusive no Shabat.
- c) Depois do pôr-do-sol, exceto no Shabat.
- d) Depois do nascer das estrelas, exceto no Shabat.

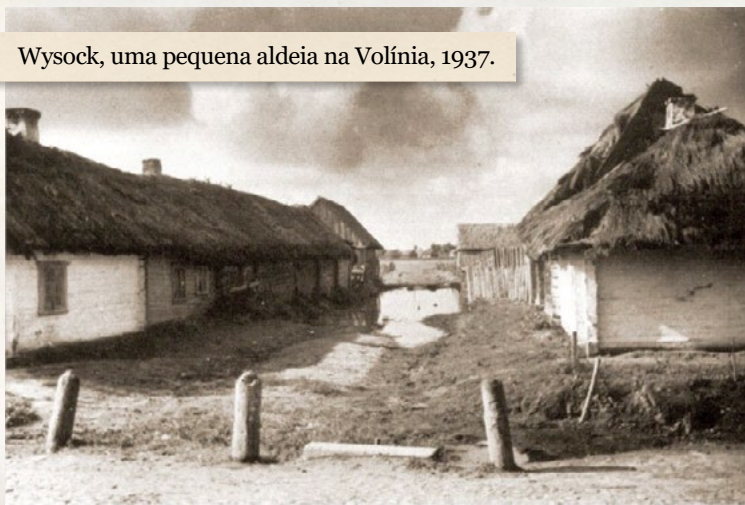
Em Chanucá:

- a) Não se come carne.
- b) Não se toma leite.
- c) Não se jejua.
- d) Não se trabalha muito.

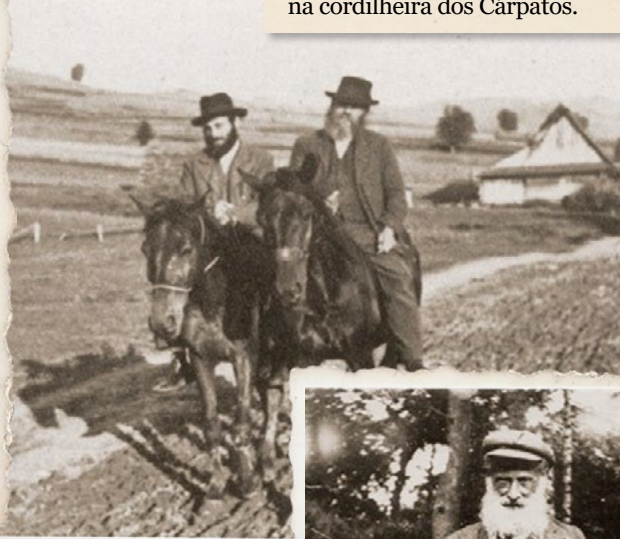
A Vida em Outro Mundo

Há algo mais comum do que ouvir uma história ocorrida em um antigo shtetl (cidadezinha) judaico? Muitos de nós, moradores das grandes cidades do século XXI, podem achar praticamente impossível imaginar as cenas e os protagonistas destas aventuras. Pois agora tudo ficará mais fácil! Veja onde, quem e como viviam os judeus poloneses no início do século XIX nestas fotos autênticas. São cenas judaicas dos 40 primeiros anos do século XIX diretamente de povoados judaicos.

Wysock, uma pequena aldeia na Volínia, 1937.



Judeus em Rosachacz, uma aldeia na cordilheira dos Cárpatos.



Judeus e camponeses em uma aldeia na cordilheira dos Cárpatos, 1921.



Tirando leite de cabra.



Um andarilho idoso e seu neto caminhando entre Varsóvia e Otwock, uma das muitas vilas rurais que circundam a capital, 1928.



A loja e casa de Yankev e Rebejkow Perl em uma rua de Jeziory, 1900. Um sinal em russo anuncia seus produtos: cereais, farinhas, grumos e farelo.

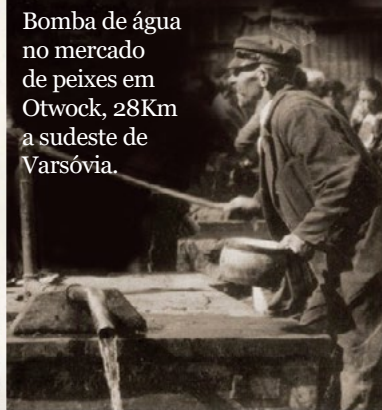


Ponte de madeira em Maciejowice, um dos mais antigos assentamentos judaicos na província de Lublin.

Zabludów, 1916. Uma cidade famosa por sua grande sinagoga de madeira do século XVII.



Dia de mercado em Hrubiesz, 1925.



Bomba de água no mercado de peixes em Otwock, 28Km a sudeste de Varsóvia.



Dia de mercado em Kremieniec, 1925. Uma das mais antigas povoações judaicas ao leste da Polônia.



Rua Jatkowa (mercado de carne) no antigo bairro judaico de Vilna.



Venda de roupa no mercado em Kuzmir, 1920.



Judeus rezando no túmulo do Remá (Rabino Moshê Isserles) em Lag Baômer, aniversário de sua morte.



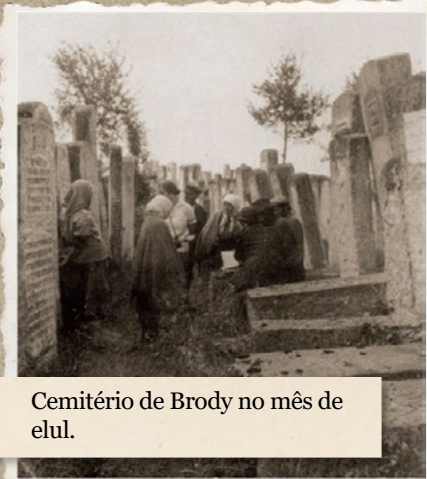
A entrada para o bairro judeu em Cracóvia, 1938.



O túmulo do Gaon de Vilna (Rabi Eliyáhu, 1720–1797).



Interior da antiga sinagoga de Kazimierz (Cracóvia). Construída no final do século XIV, é a mais antiga sinagoga que resta na Polónia.



Cemitério de Brody no mês de elul.

Sinagoga de Luck, construída no século XVII. Foi construída sob a forma de uma fortaleza para ajudar a defender a cidade contra as invasões dos cossacos e tártaros.



Sinagoga de Tlomackie, em Varsóvia. Construída em 1878 e destruída pelos alemães.

Sinagoga na cidade livre de Gdansk, construída em 1881 e destruída pelos alemães em 1940.



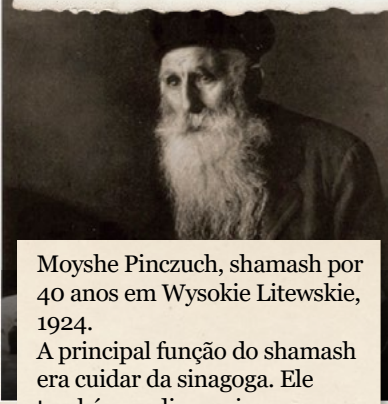
Judeus saindo da sinagoga da Rua Wolborska, em Lodz, 1937. Em 11 de novembro de 1939, esta e outras três grandes sinagogas foram destruídas pelos alemães.



A famosa sinagoga de madeira em Wolpa, construída no século XVIII.



Sinagoga de madeira em Jeziory, construída no século XVIII.



Moyshe Pinczuch, shamash por 40 anos em Wysokie Litewskie, 1924. A principal função do shamash era cuidar da sinagoga. Ele também podia servir como chazan, coletor de tzedacá, escrivão e oficial de justiça.



Yisrolik Szyldever, um chassid pregador em Staszow



Dovid Elye, um sofer (escriba) em Annopol, 1912.



O Rebe de Gur Rabi Avraham Mordechay Alter (1866–1948), o Imrê Emet.



Yitskhok Erlich, o "belfer" (ajudante do professor), levando os jovens para o cheder Staszow.



Um judeu da Galícia, no sul da Polônia.



Um aluno do chêder em Varsóvia, 1938.



Homens estudando o Talmud no bêt hamidrash de um lar para idosos na Rua Portowa 17, Vilna, 1937.



"Chalot muito boas e bonitas para o Shabat. Chalot com ovos também." Cracóvia, 1938.



Ezrielke, o shamash. Biala, 1926. Ele também batia nas persianas para que as pessoas soubessem que o Shabat estava prestes a começar.



Micvê antigo em Zaleszczyki.



Voltando da sinagoga. Chodorow, 1938.



Sucot em Cracóvia, 1937.

Limpeza para Pêssach.



Comprando bandeiras para as crianças usarem em Simchat Torá.



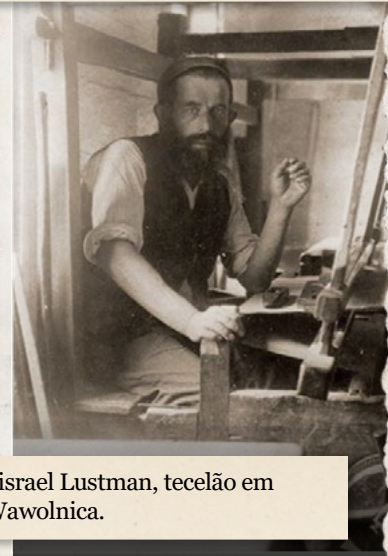
Purim-shpiler em Szydlowiec, 1937.



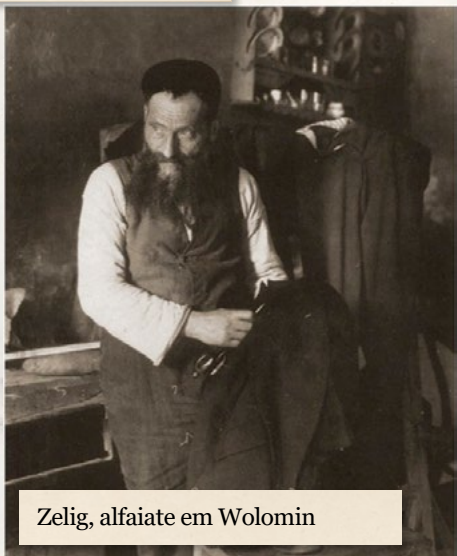
Examinando um etrog para Sucot.



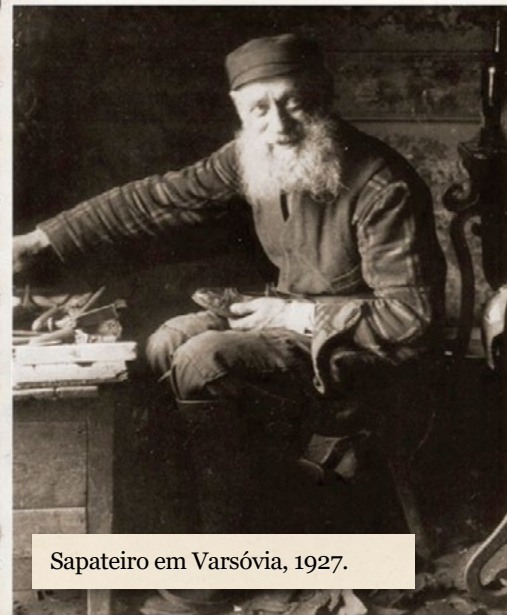
Rabino Binyomin Graubart, com professores e alunos do Talmud Torá em Lag Baômer, Staszow, 1930.



Yisrael Lustman, tecelão em Wawolnica.



Zelig, alfaiate em Wolomin



Sapateiro em Varsóvia, 1927.

Chayim, um barqueiro idoso no rio Vistula, perto de Kuzmir.



Consertador de cadeiras em Vilna.



Vendedor de água em Staszow, 1935.



Mulher fiando fios para tsitsit, 1938.



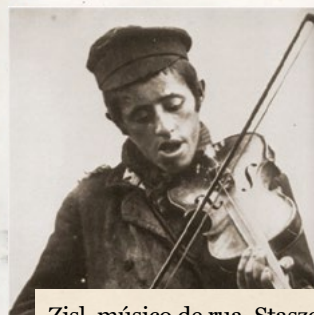
Berl Cyn, 87 anos. O ferreiro mais idoso da cidade. Nowe Miasto, 1925



Klezmorim – músicos tradicionais. A maioria da família Faust. Rohatyn, 1912.



Zisl, músico de rua. Staszow, 1930.



Portal judaico brasileiro

NASCENTE

www.revistanascente.com.br

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica

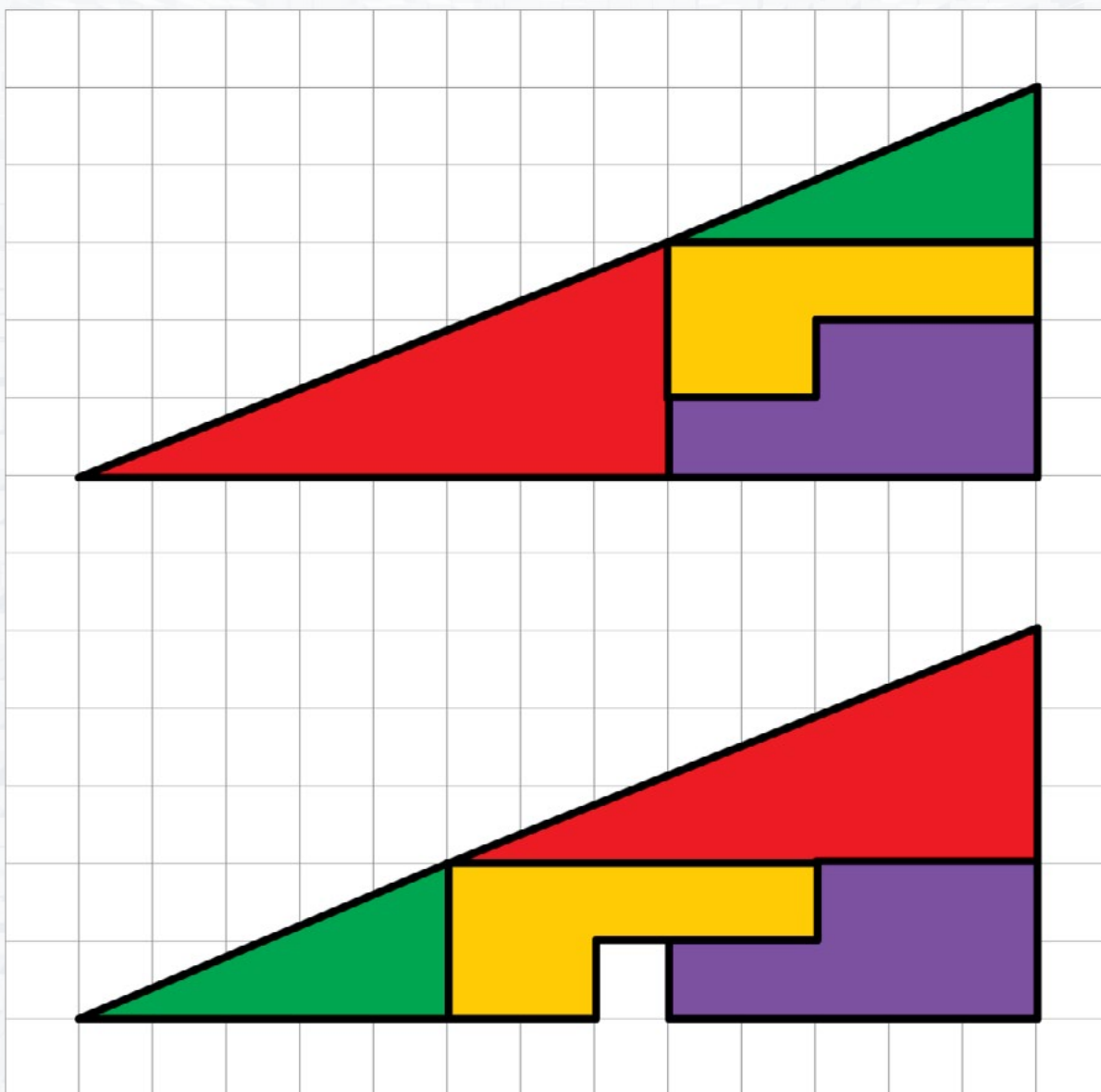
Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi

Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour

E muito mais!

Além da Geometria

As figuras abaixo parecem contradizer as regras mais básicas da geometria! Apenas mudando as figuras coloridas de lugar, como sobra um espaço em branco?



Resposta: Os triângulos não são idênticos. A diagonal do triângulo na primeira figura é um pouquinho côncava (para baixo) e no segundo é um pouquinho convexa (para cima). Faça o teste com uma régua.

Olhar Para Trás

Um sentimento de fracasso tomou conta de Efráyim.

R. Yochanan David Salomon

Efráyim estava indeciso se indagava ao rabino sobre algo tão esquisito. O que o incomodava não era algo simples. Não era apenas uma dúvida na lei judaica. Ele não queria perguntar simplesmente sobre uma colher de leite que usaram para misturar uma sopa de carne e nem se poderia desligar um despertador no *Shabat*. Seu problema era muito pessoal e incomodava. O pior era que não podia consultar-se com mais ninguém a respeito.

Depois da oração de *Arvit*, quando todos se dispersaram, criou coragem e abordou o rabino. O rabino já estava indo para sua casa, próxima à sinagoga. Com grande prazer, ele convidou Efráyim a acompanhá-lo até lá. Logo, estavam os dois sentados frente à frente.

Efráyim começou a despejar suas mágoas:

– Eu não tenho sorte! Disse desolado. Éramos 25 amigos de classe desde a infância. Hoje, quando faço comparações, vejo como não obtive sucesso em minha vida. Alguns deles cresceram em *Torá*, fizeram sua fama e estão progredindo cada vez mais. Outros entraram no mundo dos negócios

e hoje são abastados donos de indústrias e grandes doadores de *tsedacá*. Dois deles, de natureza extrovertida, hoje são políticos!

– Eu não chego nem aos pés daqueles que tiveram menos sorte! Continuo fincado no mesmo ponto, não sinto progresso em nada. Sinto-me marchando no mesmo lugar, ou pior, cada vez regredindo mais, aproximando-me da velhice sem qualquer esperança. Não tenho chance para o futuro e nem sobre o que construir. Tudo perdeu seu valor. O fim será minha morte sem eu ter algum valor.

Efráyim estava muito comovido. Sua voz embargava enquanto falava, suas mãos tremiam e seus olhos estavam vermelhos, prestes a chorar.

O rabino ouviu seu discurso atentamente sem interrompê-lo. Ele permitiu ao homem despejar seu coração até o fim. Somente quando se calou, o rabino falou:

– Ouça, meu querido. Na minha opinião, você é uma das pessoas mais importantes da nossa congregação. Para sua mulher e seus filhos você é um marido exemplar e um pai dedicado. Eu posso facilmente ajuntar mais pessoas do que sua casa pode comportar, que acham você uma pessoa muito bem

**O judaísmo
mais perto de você!**

editora & livraria
SEFER
A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL
www.sefer.com.br

Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366
www.sefer.com.br

**Atualize seu e-mail para
receber os informativos da
Congregação Mekor Haim**

Envie uma mensagem para:
revista_nascente@hotmail.com

NASCENTE

A revista *NASCENTE* contém
termos sagrados.
Por favor,
trate-a com respeito.

sucedida. E parte deles se contentariam, com certeza, em ter tanta sorte quanto você. Se você fosse um judeu simples, que nunca estudou e leu tanto quanto você, eu prolongaria nossa conversa de cinco minutos em uma hora e meia e você sairia daqui sossegado e feliz. Mas não seriam argumentos para uma pessoa iluminada como você.

– Diga-me. Além dos dois professores, os dois industriais e os dois políticos, qual o nível de sucesso dos seus colegas? Deixe-me adivinhar... Eles são judeus como você, trabalham com o que trabalham sem se sobressaírem muito e o nome deles não é assim tão famoso. Será que eles estão numa depressão tão grande? Será que eles estão caminhando por aí com o sentimento de um grande zero à esquerda?

Efráyim logo reagiu:

– O rabino está querendo dizer que devo me consolar pelo fato de os outros terem o mesmo problema que eu? Para mim isso não é consolo! Se alguém se contenta em ser pequeno, problema dele. Eu não sou assim. Para mim isso é um desastre!

– Na sua opinião – disse o rabino – D’us criou um mundo no qual só alguns podem ter sucesso e aos outros resta serem mal sucedidos?

Não podemos atribuir a D’us uma idéia dessas. Não há dúvidas de que o caminho para o sucesso está aberto para todos da mesma maneira. A pergunta é tão somente: O que é o sucesso? Como podemos saber se alguém obteve sucesso? Qual a grandeza pela qual se mede se alguém é bem sucedido ou não? Alguém que consegue assaltar vinte bancos sem ser preso é uma pessoa bem sucedida? Outra que fica contando quantas vezes seu nome aparece nos jornais é bem sucedida? Isso é sucesso? Antes de definirmos os parâmetros do sucesso não poderemos tratar do assunto!

O rabino aguardou um momento e, como não obteve resposta, prosseguiu:

– O verdadeiro sucesso, aquele indiscutível é: ser bem visto perante D’us. Esse é o sucesso. Somente este é o sucesso que não há tropeços. Qualquer outra coisa é um sucesso somente aos olhos humanos.

– É por isso mesmo que eu choro – disse Efráyim. – Será que ainda tenho chance de fazer algo na vida que agrade a D’us? Algo que me faça chegar a um nível no qual sinta que cumpri meu papel neste mundo? As chances são mínimas! Que consolo é este?

O rabino suspirou, encheu os

HOPE® Parabeniza a Congregação
pela divulgação dos valores
judaicos!

pulmões de ar e disse:

– Primeiro, meu caro amigo, tire o telescópio dos seus olhos. Pelo telescópio podemos avistar somente estrelas que se encontram a milhões de quilômetros, mas não conseguimos ver uma moeda que esteja debaixo do nosso nariz. Em segundo lugar, pare de olhar somente para o futuro e dê uma espiada para trás. Veja o que você já adquiriu. Seus pequenos atos, que você foi acumulando dia a dia, coisas que não impressionam muito, que quase você nem dá atenção. Focalize seu olhar sobre eles. Onde estão agora estes atos que você executou no passado? Será que caíram no esquecimento, extraviaram-se ou estragaram-se? A resposta é categórica: Não! Estes atos estão contabilizados na mão do Criador e guardados sem nenhum perigo de estrago. Estes atos são você. São o resultado da matéria prima entregue para você diretamente das mãos do Criador: sua vida, o tempo, o espaço e, principalmente, sua vontade e sua livre escolha.

– Estes atos já realizados constituem o seu ser. Ninguém poderá tirá-los de você. O não conhecimento por parte dos outros não prejudica este patrimônio seu e não o desmerece. Também o esquecimento, mesmo que proposital de sua parte, não pode subtrair nada deles. Nenhuma falência ou concordata externa interfere neles. Eles existem eternamente e sempre serão seus. Esses atos são seus verdadeiros bens, que nunca sofreram desvalorização. Cada *mitsvá*, cada *berachá*, cada *amen*, cada minuto de observância do *Shabat*, cada refeição *cashier*, cada palavra de *Torá*, cada versículo de *Tehilim*, cada respeito por um idoso, cada criança ajuda-

da, cada orientação a um estranho, cada bom pensamento, tudo o que você já esqueceu e muito mais está guardado num cofre eterno para seu eterno benefício!

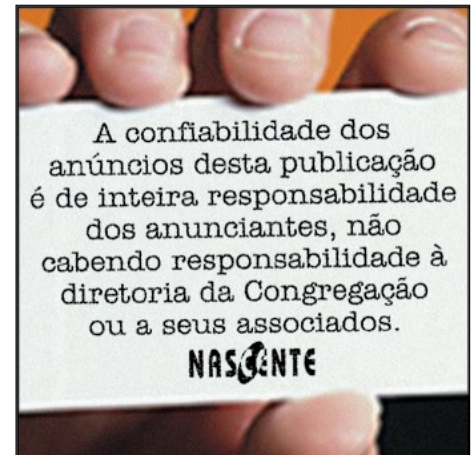
– Toda pessoa que sabe – e sente – isso, estará sempre feliz. Feliz por possuir um enfoque correto da vida e pelo incentivo que este conceito dá no sentido de juntar mais e mais créditos aqui na Terra. Esta é a verdadeira poupança do seu sucesso. Ela não se perderá e não se deteriorará. Só tende a engordar. A cada dia você a preenche com mais atos positivos.

– D’us é o guarda do seu cofre. Ele conta cada migalha do “sucesso” que você Lhe envia. Até uma lágrima derramada numa oração é guardada como se fosse um pérola. Este sucesso está à disposição de qualquer um.

Após alguns segundos de meditação, mais calmo, Efráyim levantou-se e disse:

– Muito obrigado, rabino. Entendi muito bem suas palavras. Agora preciso prestar atenção em colocar constantemente algo neste cofre...

Naquela noite, o rabino escreveu em seu diário: “Normalmente devemos dirigir o olhar das pessoas para a frente e para o alto. Eles precisam ver o que ainda falta fazer e quão grande é a distância entre eles e outros que conseguiram mais. Isto é uma receita para os orgulhosos, que se acham o máximo. Mas quando nos deparamos com alguém que está deprimido, temos a obrigação de lhe mostrar o que já fez e juntou. Devemos fazê-lo olhar para trás, para as coisas boas que já realizou. Desta forma ele fortalecerá sua auto-estima e a esperança em seu caminho futuro. ■



Pensamentos

Todo chamado é grandioso
quando se tenta atendê-lo com grandiosidade.

A melhor parte da vida de um homem bom
são seus pequenos atos, anônimos
e esquecidos, de bondade.

A natureza é a arte de D'us.

Quando todos pensam o mesmo,
ninguém está pensando.

Desviamos toda a nossa atenção para a
tola questão de A estar se saindo tão bem
quanto B, quando a única questão é saber
se A se saiu tão bem quanto poderia.

Terrorismo, Cubos de Açúcar e Filé

Rabino Aryeh Z. Ginzberg

Sobre Atitude

Permitam-me escrever alguns parágrafos para explicar o ambíguo título deste artigo.

Não escreverei sobre terrorismo per si, tampouco sobre os vários grupos de alimentos; mas sim, sobre “atitude”.

Enquanto as notícias, de três anos para cá, têm sido dolorosas e assustadoras – na melhor das hipóteses – e provocadoras de sentimentos de total impotência – na pior – a pergunta que todos nós temos que fazer a nós mesmos é: “Como esta situação tem mudado nossas vidas e, mais importante do que isso, nós mesmos?”

Nós acompanhamos as notícias e tentamos fazer *lobby*. Escrevemos cartas para nossos representantes no congresso, mandamos por e-mail nossas objeções sobre a mídia e sua cobertura preconceituosa. Levantamos fundos para causas importantes de pessoas que podem estar sofrendo, ou cujas necessidades podem estar aumentando. Nós fazemos diferença lá fora – com outros. Mas e com nós mesmos?

Se somos as mesmas pessoas que éramos em setembro de 2000, então realmente devemos fazer uma profunda introspecção.

Lembro-me de uma outra época dolorosa há alguns anos atrás (houve tantas). Shimon Peres era o primeiro ministro de Israel. Aconteceram, em vários dias consecutivos, explosões de ônibus da Linha 18 em Jerusalém – aqueles que vão de Báiyit Vagan para o centro da cida-

de. Houve tantas perdas trágicas de homens, mulheres e crianças judias, que chocaram totalmente a todos; até mesmo aos residentes veteranos de Jerusalém.

Durante aquela dolorosa semana, minha esposa e eu fomos convidados para um casamento. Tratava-se do filho de uma de suas mais antigas e queridas amigas. Esta é uma daquelas ocasiões que obrigam o marido a comparecer a um casamento onde ele não conhece absolutamente ninguém (exceto sua esposa). Com as terríveis tragédias que estavam ocorrendo em *Érets Yisrael*, quem é que tinha cabeça para comparecer a qualquer alegria – muito menos a de desconhecidos! Mas o dever me chamava.

Resolvi aproveitar o máximo daquela situação. Eu fora chamado, no dia anterior, por uma organização em Flatbush que subsidia palestras abertas ao público. Solicitaram que eu desse uma palestra no domingo seguinte, com palavras de encorajamento pela situação deprimente da Terra de Israel. Concordei prontamente, e prometi telefonar de volta com um título apropriado para minha palestra. Sentado a uma mesa de estranhos, usaria meu tempo para preparar a conferência do domingo seguinte.

Encontrei meu lugar justamente quando o segundo prato, contendo um suculento filé, estava sendo levado à mesa.

Logo, uma das pessoas à mesa perguntou

quem tinha ouvido as últimas notícias de Jerusalém, que houvera outra explosão em um ônibus da linha 18 naquela mesma tarde. Alguém respondeu: “Ouvi que hoje morreram 22 pessoas!”. Outra pessoa, que tinha acabado de começar o segundo prato, exclamou: “Não! Eu ouvi que foram 23 mortos!”. Então, na mesma respiração, ele acrescentou: “Uau, o filé está delicioso!”

Eu, sentado lá, ouvindo tudo, já tinha um título para a palestra de domingo: “O Ônibus da Linha 18 e o Filé”. Eu não tinha a intenção de criticar ninguém. O ponto central de minha palestra era chamar a atenção para como nós todos somos iguais. Nós ouvimos sobre tragédias no rádio, lemos todos os detalhes nos jornais... Depois nós nos sentamos e deliciamo-nos com nosso jantar de filé, sem perder uma só mordida. Quantos de nós vêem-se nesta cena?

Grandes Empreendimentos e Pequenos Hábitos

Naquela palestra, eu compartilhei com os ouvintes uma lição de vida que aprendera anos antes de um grande homem. Eu estava retornando de uma estadia de alguns meses em Israel e, para minha grande alegria, no voo para Nova Iorque reconheci o *rosh yeshivá* de Lakewood, *Rabi Shneur Kotler zt”l*. Sendo jovem e impetuoso, enfiar-me no assento ao seu lado, para aprender tudo o que conseguisse daquele excelente líder de *Torá*.

Pedi-lhe para compartilhar comigo algumas lembranças de seu pai já falecido, *Rabi Aharon Kotler zt”l*, e seus esforços pelo *Vaad Hahatsalá* (Comissão de Salvação) durante a Segunda Guerra Mundial. Lembro-me de seu quente sorriso ao ouvir a solicitação. Então ele respondeu: “Meu pai, de abençoada memória, o gran-

de *rosh yeshivá*, conseguiu grandes feitos. Mas se você quer saber sobre verdadeiros sacrifícios, deixe-me contar-lhe sobre minha mãe *z”l*.”

Eu tinha lido muito sobre os sacrifícios de *Rabi Aharon Kotler* durante aquele período, mas nunca ouvira nada sobre o sacrifício de sua esposa.

Rabi Shneur zt”l explicou: “Minha mãe tinha uma queda por doces. Ela adorava ter um cubo de açúcar em sua boca enquanto tomava chá. Mas desde o início da guerra até o fim, ela nunca pôs um cubo de açúcar em sua boca. Que auto-sacrifício pelo povo de Israel!”

No começo, achei que *Rabi Shneur zt”l* estivesse brincando comigo. Afinal, *Rabi Aharon* estava envolvido com a salvação de centenas de vidas. Ele dedicou-se incansavelmente para levantar fundos para a *Hatsalá* e fazendo *lobby* em Washington por todos os anos da guerra. Como ele podia comparar estes esforços heróicos com os da *rebetsin z”l*, que simplesmente conteve-se de ingerir cubos de açúcar durante a guerra?

Mas depois compreendi o pensamento do *rosh yeshivá* de Lakewood. Às vezes é mais fácil focar a atenção em uma causa ou em uma missão de vida do que mudar um só pequeno hábito – mesmo que seja evitar adicionar um cubinho de açúcar ao chá. A falecida *Rebetsin Kotler*, sem ter acesso aos grandes agitadores políticos de Washington, estava comovida até o fundo de sua alma. Ela pensava: “Como posso aproveitar de meu chá doce, enquanto meus irmãos e irmãs na Europa estão sofrendo horrores inimagináveis?”

Ativismo... e Fazendo Mudanças

Muitos de nós provavelmente já participaram de reuniões e grupos de

recitação de *tehilim*. Outros podem ter se engajado em missões beneficentes pela Terra de Israel. Essas atividades são extremamente importantes (e nós devemos continuar envolvidos nelas ativamente sempre que possível), mas será que isto transformou-nos ou ao nosso estilo de vida de alguma forma?

Em um casamento que compareci há algumas semanas atrás, vi algo pela primeira vez. Em cada mesa do salão, em vez de *birconim*, havia livrinhos de *Tehilim* com uma breve nota na parte de dentro:

“Os jovens noivos, neste grande momento de alegria, também sentem uma profunda dor pelo sofrimento na Terra de Israel. Como pedido especial aos seus convidados, durante a primeira meia hora (n.a.: quando algumas centenas de pessoas são reféns dos caprichos dos fotógrafos), todos estão convidados a recitar alguns capítulos de *Tehilim* pelos nossos irmãos da Terra de Israel.”

Esta idéia inovadora não deu muito certo na mesa em que eu estava sentado. Um debate animado instaurou-se em torno da questão se aquele era o ambiente apropriado para um pedido deste teor. Mas a mensagem sutil de que as coisas não podem ser normais, mesmo em casamentos, foi importante.

Há outros que não colocaram livros de *tehilim* nas mesas mas, em vez disso, optaram por cortar os excessos a que estamos acostumados ver em festas ultimamente. Um certo casamento tinha uma placa na entrada da recepção, comunicando que, devido às tragédias na Terra de Israel, não haveria *viennese table*. Em vez disso, o dinheiro economizado seria mandado para famílias prejudicadas.

Um proeminente *rosh yeshivá* confidenciou-me recentemente não saber quão efetivas resultariam as medidas

tomadas pelos rabinos quanto aos gastos nas festas. Mas uma coisa é certa: a necessidade de abaixar o estilo de nossas festas devido à situação em Israel é crucial.

Em Lembrança Daqueles que Não Estão Mais Aqui

Durante aquele mesmo vôo com *Rabi Shneur Kotler*, ele me contou sobre um episódio ocorrido com seu avô, *Rabi Isser Zalman Meltser zt"l*. O incidente é outro exemplo de como alguém pode dar passos além da reação natural e emocional, para lembrar-se do sofrimento de outros.

Antes da Segunda Guerra Mundial, *Rabi Shneur* estava noivo. Quando a guerra explodiu, ele fugiu para a Terra de Israel (enquanto seu pai foi para os Estados Unidos). Ele passou os anos de guerra junto ao seu avô, todo aquele tempo, sem saber se sua noiva sobrevivera à perseguição aos judeus da Europa.

Depois da guerra, *Rabi Shneur* recebeu a notícia de que ela estava viva. Assim, preparou-se para ir encontrá-la e, finalmente, desposá-la. Foi uma época festiva na casa dos Meltser.

Rabi Shneur estava prestes a deixá-los para sua viagem de casamento. Seu avô, *Rabi Isser Zalman*, pegou seu braço para acompanhá-lo até o táxi que o esperava. Ele começou a descer os degraus juntamente com seu amado neto. Antes de terminar de descer, parou e disse para *Rabi Shneur* continuar sozinho.

Os presentes acharam que era emocionalmente difícil demais para ele acompanhar seu neto até o fim. Mas ele explicou mais tarde a razão de ter parado. Ao começar a acompanhar seu neto, que embarcaria rumo ao seu alegre reencontro, ele começou a pensar em todos os amigos de seu neto que nunca realizariam tal viagem

– seus amigos que nunca se reencontrariam com suas noivas ou esposas. Para identificar-se com eles – com suas enormes perdas – ele conteve-se de expressar toda a alegria que um avô naturalmente sente por seu amado neto.

Que lição importante para nós: mesmo quando alguém sente-se inspirado para celebrar uma ocasião alegre, deve parar e considerar os menos afortunados. Pare e reduza sua expressão de alegria em consideração por aqueles que estão sofrendo.

Um Mundo de Ponta-Cabeça?

Há alguns meses atrás, compareci ao *sheva berachot* da filha de um proeminente líder comunitário em Nova Iorque. Lá percebi que não é necessário ser um *Rabi Isser Zalman* ou um *Rabi Shneur Kotler* para tomar a atitude correta. Não é necessário ser um dos grandes de Israel para manifestar o que deveria ser uma expressão natural de como compartilhar o sofrimento dos outros.

Sentados à volta da mesa estavam os grandes da comunidade nova-iorquina – exceto uma pessoa que parecia fora do lugar. Era um sujeito delicado, digno; mas não alguém que eu tenha visto envolvido em casos comunitários como os demais.

Enquanto todos aproveitavam do jantar e da conversa leve, entrou um homem que sentou-se no último lugar vazio à mesa. Depois dos cumprimentos, ele explicou o motivo de seu atraso. Algumas horas antes ocorrera uma tragédia em uma comunidade do subúrbio. Um garoto de seis anos fora atropelado pelo ônibus escolar em frente à sua casa, aos olhos de sua mãe (que D'us a conforte). Este homem explicou que eram parentes dos seus sogros e que compareceu ao enterro, atrasando para a festa.

Todos à mesa suspiraram e co-

mentaram o quão terrível foi a tragédia para a família do pequeno garoto. Alguns minutos depois, o homem sentado ao meu lado (aquele que “destoava” do resto dos líderes da comunidade) empurrou seu prato para o lado. Eu perguntei-lhe, polidamente, se ele estava se sentindo bem. Sua resposta abriu-me os olhos a como um judeu deve ser. Ele disse: “Nós acabamos de ouvir sobre este trágico acidente, e eu estou pensando no que a mãe e o pai daquela criancinha devem estar passando neste momento. Como posso sentar-me aqui e aproveitar de um jantar, enquanto judeus estão passando por um sofrimento destes?”

Depois de digerir suas palavras vindas do coração, eu também empurrei meu prato e pensei na seguinte passagem dos nossos sábios:

O *Talmud* conta sobre um jovem que esteve mortalmente doente e que recuperou-se. Seu pai perguntou-lhe: “O que viste no Mundo Vindouro (já que esteve às portas da morte)?” Ao que ele respondeu: “Vi um mundo de ponta-cabeça: os líderes que estão no topo, neste mundo, estavam embaixo, no outro mundo.” E seu pai retrucou: “Não, meu filho. O mundo que testemunhaste é o verdadeiro mundo!”

Alguns momentos antes, eu tinha estranhado por que aquela pessoa estava sentada no meio dos líderes – para depois sentir justamente o contrário: por que aquelas pessoas todas estavam sentadas à mesa com aquele verdadeiro “*ohav Yisrael*”?

Certa vez, quando o Chafets Chayim já tinha mais de oitenta anos, sua esposa acordou no meio da noite e notou que ele não estava na cama. Ela levantou-se rapidamente, para ver se ele estava se sentindo bem, e encontrou-o deitado no chão frio e duro, com seus braços embaixo da cabeça à guisa de travesseiro. Ver seu

idoso marido naquela posição assustou-a, mas ele explicou: “Eu estava deitado muito confortavelmente em minha cama. Então comecei a pensar em todos os meus irmãos que foram despejados de suas casas pelo avanço do exército, sem ter um leito quente onde dormir. Como posso dormir em minha cama, enquanto outros estão dormindo no chão duro e frio? Eu também quero fazer o mesmo. Por isso, levantei-me e estou deitado no chão também.”

Mesmo que não estejamos no nível de amor ao próximo do Chafets Chayim, deve haver alguma forma tangível de cortar algum item de conforto e dizer ao Todo-Poderoso as palavras da mulher Shunamita para Elishá (Melachim II 4:13): *“Betoch ami anochi yoshávet – escolhi viver dentro do meu povo”* – e compartilhar de sua dor.

Em um Nível Elementar

O diretor de uma escola elementar falou sobre este assunto numa recente assembléia de alunos. Depois ele perguntou o que cada garoto pretendia sacrificar em nome de sua associação com seus irmãos. Ele ficou tão tocado como surpreso pelas várias sugestões levantadas pelos garotos. Alguns estavam prontos a renunciar a certas guloseimas, outros aos recreios, e outros

a seus brinquedos favoritos. O espantoso foi o fato de que cada uma das crianças estava pronta a abrir mão de alguma coisa.

Pode-se contrastar este fato com a mesma questão que expus perante senhoras a quem ministrei uma palestra na sinagoga. Ao serem perguntadas do que estariam dispostas a abrir mão, a maioria respondeu que precisava pensar com muito cuidado a que poderia realmente renunciar.

Por que as crianças estavam mais prontas para o sacrifício do que seus pais? Esta questão exige uma análise mais profunda.

Se não somos capazes de abrir mão do filé, da cama confortável, e talvez nem mesmo do cubinho de açúcar, o que nos resta fazer?

Talvez ainda tenha restado uma coisa a ser feita.

É possível escrever alguns volumes sobre a vida e realizações do líder deste século, o *rosh yeshivá* de Ponevitch, *Rabi El’azar Menachem Shach zt”l*, falecido há pouco tempo atrás. Centenas de histórias foram contadas em seus *hespedim*. Uma delas, em particular, vem-me à mente nesta discussão.

É sabido que o *Rav Shach* manteve-se totalmente oculto da visão do público em seus últimos quatro ou cinco anos de vida, devido à sua ida-

de avançada e fraqueza. O que não é tão conhecida é a mensagem que ele deixou em seu último encontro com o rabino-chefe dos *ashkenazim*, o Rabino Yisrael Meir Lau *Shelita*. Naquela oportunidade ele disse:

“Eu estou com mais de 100 anos e não tenho mais forças. Ouvi que estão vendendo porco nas ruas de Tel Aviv, e que o *Shabat* está sendo profanado em Ashkelon. Não me resta nada a fazer sobre isso. Exceto uma coisa... eu posso chorar.”

Depois disso, o *Rav Shach* começou a chorar, com seu corpo todo sacudindo incontrolavelmente pelo que pareceu uma eternidade; até que ele caiu em um sono, exausto.

Talvez nós precisemos dos nossos cubinhos de açúcar. Talvez precisemos de nossas camas quentinhas. Mas ao menos nós ainda podemos fazer uma coisa para compartilhar a dor dos nossos irmãos e irmãs em Israel. Nós podemos chorar. Chorar *por* eles e chorar *com* eles. E se nós não somos capazes nem mesmo disto, então nós devemos chorar de qualquer modo – chorar por nós mesmos.

“The Jewish Observer” – tamuz 5762

Rabino Aryeh Z. Ginzberg, rabino fundador do Ohr Moshe Torah Institute, em Hillcrest, NY.

Tradução de Guila Koschland Wajnryt

David Abadi e Família

Desejam muito sucesso material e espiritual para toda a kehilá.

“Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.”

Ética dos Pais 5:23

Bênçãos Sobre os Diversos Tipos de Sopa

Rabino I. Dichi

Sopa de hortaliças

1. Deve-se recitar a *berachá* de *Borê Peri Haadamá* para sopa de hortaliças, como verduras e legumes, isentando, assim, também o caldo.

2. Quando ao fazer a sopa de hortaliças, o indivíduo tinha a intenção de consumir também as hortaliças, e depois mudou de idéia e resolveu extrair as hortaliças e tomar somente o caldo, conforme a opinião do *Shulchan Aruch* deverá recitar a *berachá* de *Borê Peri Haadamá* sobre o caldo. E este é o costume dos *ashkenazim*.

Os *sefaradim*, nesse caso, deverão recitar a *berachá* de *Shehacol*.

3. Quando alguém fizer uma sopa de hortaliças com a intenção de tomar somente o caldo, conforme todas as opiniões deverá recitar a *berachá* de *Shehacol*.

Sopa com massas sobre as quais se recita a *berachá* de *Mezonot*

4. Sopa com qualquer tipo de massa, sobre a qual se recita a *berachá* de *Mezonot*, como por exemplo: macarrão, bolinho de *matsá*, etc., que foi cozida com o caldo, deve-se recitar a *berachá* de *mezonot*, se a quantidade de massa for considerável, isentando assim também o caldo.

5. Se a quantidade de massa for pouca, recitará a *berachá* de *Mezonot* sobre o macarrão ou bolinho de *matsá*, e em seguida recitará *Shehacol* sobre algum líquido (exceto água, a não ser que esteja com sede – vide Capítulo Quatro, parágrafo 7) ou alimento cuja *berachá* é *Shehacol* para isentar o caldo.

6. Se acrescentar *shekedê marak* ou *mandalach* (que não são cozidos junto com o caldo) à sopa – deverá recitar a *berachá* de *Mezonot* sobre os *shekedê marak* e *Shehacol* sobre algum líquido (exceto água, a não ser que esteja com sede – vide Capítulo Quatro, parágrafo 7) ou alimento cuja *berachá* é *Shehacol* para isentar o caldo.

Caldo de hortaliças e carne sem hortaliças e carne

7. Se um indivíduo resolveu tomar só o caldo de uma sopa, na qual foram cozidos juntos carnes e hortaliças, a *berachá* será *Shehacol*.

Sopa de carne e hortaliças

8.a) Quando alguém quiser comer as hortaliças, a carne e o caldo de uma sopa na qual hortaliças e carne foram cozidas juntas:

– Se as hortaliças forem a maior parte, deve-se recitar *Borê Peri Haadamá*.

– Se a carne for a maior parte, deve-se recitar *Shehacol*. (Vide observação abaixo.)

b) Mesmo se a carne for a maior parte, no caso de querer tomar a sopa por causa das hortaliças, deverá recitar *Borê Peri Haadamá* (vide observação abaixo).

c) Mesmo que as hortaliças forem a maior parte, no caso de querer tomar a sopa por causa da carne, deverá recitar *Shehacol*.

Obs.: Pedacos de carne ou de frango grandes não são considerados *betelim* (insignificantes, desprezíveis). Por isso é necessário recitar *Shehacol* espe-

cialmente. (Vide parágrafo 10.)

Sopa de carne, hortaliças e massas

9. Quando alguém comer sopa que contenha carne, hortaliças e massas, se essas massas são em quantidade razoável (não é necessário ser a maior parte) deverá recitar somente *Borê Minê Mezonot*.

10. Quando houver pedaços grandes de carne ou frango na sopa, será necessário recitar *Shehacol* sobre a carne.

Arroz na sopa

11. Quando houver arroz na sopa, mesmo que a *berachá* do arroz é *Borê Minê Mezonot*, ele não tem a mesma importância que massas das 5 espécies (trigo, cevada, espelta, centeio e aveia) cuja *berachá* é *Borê Minê Mezonot*. Portanto, mesmo que haja uma quantidade importante de arroz na sopa, se o arroz não for a maioria, deve-se recitar a *berachá* da maioria dos ingredientes que compõem a sopa. Se o arroz for a maioria, deve-se recitar *Mezonot* sobre o arroz.

Sopa instantânea

12. A *berachá* sobre sopa instantânea – feita com sopa em pó (tipo *Ossem*) – é *Shehacol*, mesmo que o gosto seja de hortaliças e mesmo que tenha um ou outro pedaço de hortaliça.

Se dentro da sopa instantânea feita com sopa em pó for acrescentada uma quantidade razoável de hortaliças, a *berachá* será *Borê Peri Haadamá* sobre as hortaliças e o indivíduo deverá procurar fazer *Shehacol* sobre algum líquido ou alimento cuja *berachá* é *Shehacol*. ■

O Verdadeiro Herói

Um caso solucionado pelo sábio rei Shelomô

Três mercadores judeus empreendiam juntos uma jornada quando o *Shabat* se aproximou. Eles decidiram enterrar seu dinheiro em um certo lugar para que lá permanecesse durante o *Shabat*. Após a saída do *Shabat* eles desenterrariam o dinheiro e continuariam seu caminho.

Na escuridão da noite, enquanto seus companheiros dormiam, um deles aproximou-se sorrateiramente do esconderijo, desenterrou o dinheiro e ocultou-o em outro local. Ao procurar o dinheiro, após o *Shabat*, os mercadores perceberam que ele tinha desaparecido.

Como ninguém além deles sabia do esconderijo secreto, um deles devia ter roubado o tesouro. Mas qual deles? Cada um acusava o outro, dizendo: “Você que é o ladrão!”

Incapacitados de determinar qual deles era o culpado, decidiram viajar para *Yerushaláyim* e apresentar o caso ao sábio rei Shelomô.

Shelomô *Hamêlech* ouviu atentamente seus relatos e ordenou-lhes que voltassem no dia seguinte.

Quando voltaram à corte, o rei declarou:

– Eu sei que vocês três são mercadores astutos. Por favor, ajudem-me. Antes de julgar seu caso, gostaria de ouvir suas opiniões sobre um outro problema que me foi apresentado.

Os três ouviram atentamente o relato do rei Shelomô sobre o seguinte incidente:

“Um menino e uma menina cresceram na mesma vizinhança e assumiram o compromisso que um deles só se

casaria com outra pessoa caso o outro consentisse.

“Depois de algum tempo, a menina mudou-se daquela cidade e não mais voltou a ver o rapaz. Quando a moça já estava com idade para se casar, ficou noiva de um jovem na sua nova cidade. Entretanto, ela não se esquecera de sua promessa de infância. Quando a época do casamento aproximou-se, ela vendeu seus objetos pessoais com o intuito de juntar dinheiro. Depois de arrecadado o suficiente, partiu para uma longa jornada rumo à sua cidade natal para procurar seu antigo vizinho. Quando encontrou o jovem, explicou-lhe que estava noiva de outra pessoa. Ela lhe pediu que a liberasse de sua promessa e em troca aceitasse o dinheiro que ela tinha juntado.

“O rapaz ficou muito emocionado ao reencontrar a linda jovem e apreciou as dificuldades pelas quais ela passara a fim de ser fiel à antiga promessa. Apesar de ser-lhe muito difícil deixá-la partir novamente, liberou-a para que se casasse com seu noivo e recusou o dinheiro que ela lhe oferecera. Após despedirem-se, ela partiu em paz.

“A solitária viagem de volta foi tão perigosa para a jovem quanto a ida. Quando passava por um lugar deserto, um velho precipitou-se sobre ela vindo atrás de um arbusto, roubou seu dinheiro e ameaçou sequestrá-la.

“– Por favor, escute-me – implorou a moça. – Você já é um homem de idade. Por que você quer assumir esta terrível culpa sobre si pouco tempo antes de ser convocado frente ao Juiz Supremo? Pe-

gue meu dinheiro, mas deixe que eu retorne ao meu noivo sem ser molestada.

“Ela lhe contou toda a sua história e concluiu:

“– Meu amigo de infância certamente teve mais dificuldade em liberar-me do que você. Ele é jovem e reivindicava um direito sobre mim. Você, um idoso, devia aprender com ele a controlar-se!

“O ladrão se comoveu com seu relato. Ele não a molestou e ainda devolveu-lhe o dinheiro.”

– Agora – concluiu Shelomô *Hamêlech* – um poderoso rei me propôs a seguinte pergunta: “Quem é o verdadeiro herói da história: a moça, o rapaz ou o ladrão? Eu espero ouvir seus pontos de vista.”

– A moça é extraordinária! – exclamou o primeiro mercador. – Imagine empreender uma jornada tão perigosa para cumprir uma antiga promessa!...

– Eu admiro o rapaz! – afirmou o segundo. – Ele agiu com nobreza e altruísmo.

– O gesto do velho é mais impressionante! – comentou o terceiro mercador. – Depois de ter tanto a moça quanto o dinheiro em suas mãos, ele não só libertou a moça como até devolveu o dinheiro!...

– Agarrem-no! – bradou Shelomô *Hamêlech*. – Ele só pensa em dinheiro! Mesmo ouvindo este conto comovente, em seu íntimo desejava o dinheiro da moça! Quando teve a oportunidade de pegar o dinheiro dos companheiros, certamente o fez! Prendam-no!

O mercador foi agarrado e imediatamente confessou sua culpa. ■



A Borboleta e a Flor

Certa vez, um homem pediu a D'us uma flor... e uma borboleta.

Mas D'us lhe deu um cacto... e uma lagarta.

O homem ficou triste. Não entendeu por que o seu pedido não fora atendido a contento. Daí pensou: “Também, com tanta gente para atender...”. E resolveu não questionar.

Passado algum tempo, o homem foi verificar o pedido que deixara de lado, esquecido.

Para sua surpresa, do espinhoso e feio cacto havia nascido a mais bela das flores. E a horrível lagarta se transformara em uma belíssima borboleta.

D'us sempre age certo! O Seu caminho é o melhor e o mais benéfico, mesmo que aos nossos olhos pareça estar dando tudo errado. Se você pediu a D'us alguma coisa e recebeu outra, confie. Tenha a certeza de que Ele sempre concede o que você precisa no momento certo.

Nem sempre o que você deseja... é o que você realmente precisa. Como Ele nunca erra na entrega de seus pedidos, siga em frente sem murmurar ou duvidar.

O espinho de hoje será a flor de amanhã!

Leis Relacionadas com a Oração de Shachrit

Rabino I. Dichi

Comer antes da Tefilá

É proibido comer e beber (exceto água) antes de rezar *tefilat Shachrit*.

É permitido beber chá ou café inclusive com açúcar antes da *tefilá*.

É permitido comer ou beber antes da *tefilá* por motivo de saúde, e evidentemente é permitido ingerir remédios.

Interrupção de Baruch Sheamar até a Amidá

É proibido conversar desde quando se inicia o *Baruch Sheamar* até depois da *Amidá*. Nos dias que se diz *Tachanun* não se deve conversar até o fim do *Tachanun*.

Não se pode nem responder “*baruch Hu uvaruch Shemô*” a partir do momento que disse *Baruch Sheamar* até depois da *Amidá*.

Poteach et Yadecha

Ao dizer o versículo *Poteach et Yadecha* (no *Ashrê*) é necessário pensar que o Todo-Poderoso tem Sua *hashgachá* (providência) sobre todas as Suas criaturas e que as sustenta.

Caso a pessoa não tenha meditado nisso ao pronunciá-lo, deverá repetir o versículo. Caso tenha lembrado logo antes de iniciar o próximo capítulo de *Pessukê Dezimrá* retomará de “*somech Hashem lechol hanofelim*” até o fim do trecho de *Ashrê*. Caso tenha se lembrado depois de ter dado início ao próximo capítulo e lembrou-se antes de *Yishtabach*, dirá o versículo *Poteach et Yadecha* onde se lembrar e, de preferência, entre um capítulo e outro. Ainda poderá recitá-lo depois da *Amidá* e, neste caso, dirá até o fim do trecho de *Ashrê*.

Trechos Obrigatórios com Minyan

As seguintes partes da *tefilá* não podem ser recitadas sem que haja um *minyan*:

Kadish, Barechu Et Hashem Hamevorach e Kedushá (Nacdishach (nússach ashkenaz: Necadesh) e Kêter).

Da mesma forma, a *Chazará* recitada pelo *chazan* não poderá ser feita com menos de dez homens acima de treze anos.

Os *Yud Guimel Midot (Hashem, Hashem El rachum)* também devem ser ditos com *min-*

yan. Não havendo *minyán*, os *Yud Guimel Midot* devem ser cantados com os *teamim* da *Torá*.

A leitura da *Torá* também necessita *minyán*.

De qualquer forma, é necessário que entre os dez presentes (ou mais) participantes do *minyán*, haja ao menos seis (com o *chazan*) atentos e respondendo *amen* ao *Cadish* e *baruch Hashem hamevorach leolam vaed*.

Trechos que se Deve Repetir com o *Tsibur*

Keriat Shemá pode ser dito mesmo sem *minyán*. Apesar disso, quando alguém estiver na sinagoga e o público estiver dizendo *Shemá*, mesmo que já o tenha dito, deverá novamente acompanhar o público no primeiro versículo do *Shemá* (*Shemá* e *Baruch Shem*). Neste caso, deve colocar a mão direita nos olhos como de costume (se estiver depois de *Baruch Sheamar*, vide a Tabela de Interrupções no livro “Leis das Orações” para saber o procedimento).

O mesmo aplica-se a *Tehilá Leavid* (*Ashrê Yoshevê Vetecha*) e a *Alênu Leshabeach*. O *Aruch Hashulchan* es-

creve (cap. 65 par. 6), entretanto, que não há o costume de dizer o *Ashrê* com o público.

Resumidamente:

Alguns trechos da reza devem ser recitados juntamente com o *tsibur*, mesmo que não esteja rezando com eles e mesmo que já tenha rezado estas partes. Estes trechos são:

- Todo o *Ashrê Yoshevê Vetecha*.
- Baruch Hashem hamevorach leolam vaed*.
- Kedushá* do *Yotser*.
- Os versículos *Shemá Yisrael* e *Baruch Shem Kevod*, colocando a mão direita sobre os olhos.
- Kedushá – Nacdishach* (ou *Necadesh* segundo *nússach ashkenaz*) e *Kêter*.
- Modim Derabanan*.
- Kedushá Dessidrá* (*Cadosh* do *Uvá Letsiyon*).
- Alênu Leshabeach* – curvando-se com todos no trecho “*vaanáchnu mishtachavim*”.

Nos casos dos itens a, c, g e h não poderá interromper entre *Baruch Sheamar* e o fim da *Amidá* para dizê-los com o público. Com relação aos demais itens, vide a Tabela de

Interrupções no livro “Leis das Orações”.

Mechitsá

Durante as orações, tanto em casa quanto na sinagoga, deve haver uma *mechitsá* (implemento físico de separação) entre o recinto onde o *minyán* dos homens está rezando e o local onde as senhoras estão (Igrot Moshê vol. 1 cap. 39 e vol. 3 cap. 23, Shevet Halevi vol. 1 cap. 29, Seridê Esh vol. 2 cap. 14 e Beêr Moshê vol. 4 cap. 147 par. 29).

Esta proibição não tem como propósito discriminar a mulher. Pelo contrário, sabendo da atração que a mulher exerce, a *Torá* respeita e zela por sua honra. Uma vez que a oração exige uma concentração máxima do ser humano, proibiu a presença de ambos os sexos no mesmo recinto durante a reza, fato que fere a santidade da oração e da sinagoga (*Kedoshim Tihyu* cap. 10 pág. 166).

Do livro “Leis das Orações”.
Todas as fontes pesquisadas são citadas na referida obra.

www.revistanascente.com.br

NASCENTE
Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Heim

LEIA A NASCENTE NO SEU CELULAR ANDROID

NASCENTE
PONTOS DE LUZ
Sinagoga Beit Tanchum

NASCENTE
PÊSSACH CASHER
VESSAMEACHI!
O Sedar do Pêssach
MÁ NISHTANÁ
Um Novo Enfoque
DINHEIRO EM XEQUE
Carro de Luxo
DE CRIANÇA PARA CRIANÇA
Eu e Meu Irmão

NASCENTE
TORÁ NO DESERTO
CONTANDO A VIDA
Cicatriz
DE CRIANÇA PARA CRIANÇA
O Pequeno Espírito
DINHEIRO EM XEQUE
Concurso

GET IT ON Google Play
Iniciar



Shabat

Vita S. Gomel z"l

Uma das preparações importantes para o Shabat é a imersão no micvê, o banho ritual. O laço entre o micvê e o Shabat transparece da guimatriyá mínima da palavra micvê (מִקְוֵה), que resulta em 7, símbolo do Shabat, o sétimo dia da semana.

$$\begin{aligned} \text{מ} (40) + \text{ק} (100) + \text{ו} (6) + \text{ה} (5) &= 151 \\ 1 + 5 + 1 &= \underline{7} \end{aligned}$$

Da mesma forma, os outros ritos importantes do Shabat também resultam em 7: ner (נר – luz), que se acende na véspera, yáyin (יין – vinho), chalah (חלה), bassar (בשר – carne) e dag (דג – peixe), alimentos rituais do Shabat, partes integrantes do “ôneg Shabat” – o deleite do Shabat – durante as três refeições.

$$\begin{aligned} \text{נ} (50) + \text{ר} (200) &= 250 \\ 2 + 5 + 0 &= \underline{7} \\ \text{י} (10) + \text{י} (10) + \text{ן} (50) &= 70 \\ 7 + 0 &= \underline{7} \\ \text{ח} (8) + \text{ל} (30) + \text{ה} (5) &= 43 \\ 4 + 3 &= \underline{7} \\ \text{ב} (2) + \text{ש} (300) + \text{ר} (200) &= 502 \\ 5 + 0 + 2 &= \underline{7} \\ \text{ד} (4) + \text{ג} (3) &= \underline{7} \end{aligned}$$

O Shabat é chamado berit olam – a aliança eterna.

Esse conceito transparece do valor da guimatriyá pequena de Shabat (שַׁבָּת), igual à de berit (בְּרִית).

$$\begin{aligned} \text{ש} (300) + \text{ב} (2) + \text{ת} (400) &= 702 \\ 7 + 0 + 2 &= \underline{9} \\ \text{ב} (2) + \text{ר} (200) + \text{י} (10) + \text{ת} (400) &= 612 \\ 6 + 1 + 2 &= \underline{9} \end{aligned}$$

Além disso, o valor numérico de berit olam (בְּרִית עוֹלָם – aliança eterna) é o mesmo que o das palavras yom Shabat (יוֹם שַׁבָּת) – dia de Shabat:

$$\begin{aligned} \text{ב} (2) + \text{ר} (200) + \text{י} (10) + \text{ת} (400) &= 612 \\ \text{י} (70) + \text{ו} (6) + \text{ל} (30) + \text{ם} (40) &= 146 \\ \text{Total: } 612 + 146 &= \underline{758} \\ \text{י} (10) + \text{ו} (6) + \text{ם} (40) &= 56 \\ \text{ש} (300) + \text{ב} (2) + \text{ת} (400) &= 702 \\ \text{Total: } 56 + 702 &= \underline{758} \end{aligned}$$

O Shabat trará a redenção completa, como nos ensinam nossos sábios: “Israel só será salvo pelo mérito do Shabat”.

Essa idéia também transparece do va-

lor da guimatriyá mínima de Shabat (שבת), igual à de gueulá (גאולה – redenção).

$$\text{ש} (300) + \text{ב} (2) + \text{ה} (400) = 702$$

$$7 + 0 + 2 = 9$$

$$\text{ג} (3) + \text{א} (1) + \text{ו} (6) + \text{ל} (30) + \text{ה} (5) = 45$$

$$4 + 5 = 9$$

Além disso, 9 é também um número que expressa a idéia de eternidade e de perfeição.

O canto reforça a unidade do povo de Israel no Shabat. Essa idéia transparece no fato de que a guimatriyá mínima da palavra zêmer (זמר – canto) é igual ao valor numérico da palavra echad (אחד – um):

$$\text{ז} (7) + \text{מ} (40) + \text{ר} (200) = 247$$

$$2 + 4 + 7 = 13$$

$$\text{א} (1) + \text{ח} (8) + \text{ד} (4) = 13$$

O nigun – melodia sem palavras – tem uma força ainda maior que a de zêmer – o canto com palavras – pois as palavras refreiam o impulso da alma.

No nigun se retorna constantemente ao mesmo ponto, de onde aparece o laço entre nigun (נגן – melodia) e igul (יגול – círculo):

$$\text{ג} (50) + \text{ג} (3) + \text{י} (50) = 103$$

$$\text{ק} (70) + \text{ג} (3) + \text{ל} (30) = 103$$

A melodia é como uma dança, tocando as fibras da alma e fazendo descer uma influência superior dos Céus.

Conforme o Midrash Rabá Vatchanan, a força da shirá (שירה – canção) de reaproximar a alma de sua Fonte superior, transparece no seu valor numérico, igual ao da palavra tefilá (תפילה – oração):

$$\text{ש} (300) + \text{י} (10) + \text{ר} (200) + \text{ה} (5) = 515$$

$$\text{ה} (400) + \text{פ} (80) + \text{ל} (30) + \text{ה} (5) = 515$$

A shirá e a tefilá no Shabat cau-

sam uma grande elevação espiritual.

A guimatriyá malê (cheia) ou shemiyi (nominal) é calculada somando o valor das letras que compõem o “nome de cada letra” da palavra. Há um modo de calcular o valor das palavras derivado da guimatriyá cheia, chamada de guimatriyá oculta. Segundo este método, ao contabilizar o valor das letras que compõem o nome de cada letra, descarta-se a primeira delas. Assim, por exemplo, no caso de uma letra álef (אֵלֶף), contabiliza-se o lámed (ל = 30) e o fê (פ = 80), mas descarta-se o álef (א).

Calculemos então o “valor oculto” da palavra shirá (שירה – canção), que resulta igual ao valor da palavra Shechiná (שכינה – Presença Divina):

$$\text{Shin} (\text{שׁינ}) = \text{י} (10) + \text{ן} (50) = 60$$

$$\text{Yod} (\text{יוד}) = \text{ו} (6) + \text{ד} (4) = 10$$

$$\text{Resh} (\text{רישׁ}) = \text{י} (10) + \text{ש} (300) = 310$$

$$\text{Hê} (\text{הה}) = \text{ה} (5) = 5$$

$$\text{Total: } 60 + 10 + 310 + 5 = 385$$

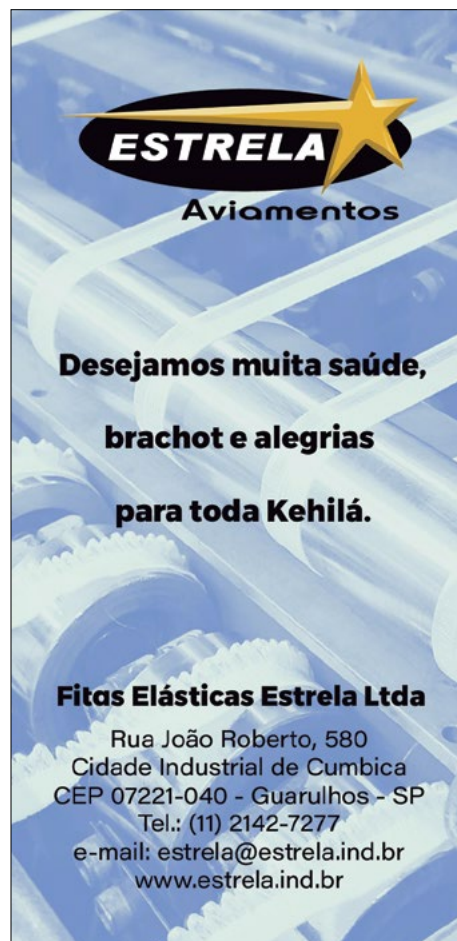
$$\text{ש} (300) + \text{כ} (20) + \text{י} (10) + \text{ג} (50) + \text{ה} (5) = 385$$

Por intermédio da shirá o homem alcança a Shechiná.

A elevação da alma por meio do canto também é insinuada, conforme a tradição, na primeira palavra da “Shirat Hayam” (O “Cântico do Mar”, que começa com as palavras az yashir Moshê), cantada todos os dias na oração de Shachrit.

No termo az (אז – então), que serve de introdução ao “Cântico do Mar”, o álef (א = 1) faz alusão à alma, que se ergue pelo canto até o záyin (ז = 7), o Sétimo Céu.

Baseado no livro “La Guematria”



ESTRELA
Aviamentos

**Desejamos muita saúde,
brachot e alegrias
para toda Kehilá.**

Fitas Elásticas Estrela Ltda
Rua João Roberto, 580
Cidade Industrial de Cumbica
CEP 07221-040 - Guarulhos - SP
Tel.: (11) 2142-7277
e-mail: estrela@estrela.ind.br
www.estrela.ind.br



GRUPO
line OUTSOURCING
DE IMPRESSÃO

**Elimine os custos com compra de
impressoras e assistência técnica.
Colocamos impressoras
em comodato a custo zero.**

Gerenciamos todo o seu parque de impressoras.
Agende uma visita sem compromisso para elaboração de
um projeto em relação as necessidades de sua empresa.

Retiramos e entregamos sem nenhum custo.
Televendas: 3331-3831
www.gpline.com.br



KALIMO

*Parabeniza a Congregação pela
divulgação dos valores judaicos.*



Boas Bondades

Qual o verdadeiro motivo por trás de nossas bondades?

R. Kalman Packouz z"l

Outro dia eu estava na fila do restaurante. Uma mulher à minha frente pediu ao atendente: “Gostaria de um sanduíche shawarma. O senhor poderia, por favor, esquentar a pita antes de colocar a carne dentro?”

O rapaz que cuidava da churrasqueira respondeu: “Não. Para se obter um melhor resultado, a pita precisa ser esquentada depois que a carne já está dentro”.

A mulher retrucou: “Eu não quero que você faça desta maneira. Então me faça o shawarma sem esquentar a pita”.

“Não”, respondeu o churrasqueiro. “Se a se-

nhora quer uma pita aquecida, vou esquentá-la depois de colocar a carne dentro”.

A mulher apenas riu e exclamou: “Isto é incrível!”

Este incidente me lembrou de uma história sobre um pai que perguntou a seu filho, um escoteiro, se ele fizera alguma boa ação naquele dia. O garoto disse: “Sim, ajudei uma senhora de idade a atravessar a rua. Foram necessários mais 11 escoteiros para praticar esta boa ação”.

“Por que foram necessários 12 garotos?”, perguntou o pai, curioso. E o filho respondeu:

“Por que ela não queria atravessar!”

Quando praticamos atos de bondade, todos temos – alguns mais, outros menos – um certo benefício pessoal por fazer a gentileza. Imaginamos que, ao agir com bondade, a outra pessoa pasará a gostar mais de nós, ou nos retribuirá o favor no futuro, ou alguma outra vantagem. Muitas vezes “distorcemos” a bondade em nosso benefício.

Nossos sábios chamam o ato de enterrar um falecido de *“chessed shel emet”*, a verdadeira bondade. A cada vez que fazemos uma bondade, há uma certa expectativa de que a pessoa retribua nosso ato de bondade. Mas quando se realiza os passos necessários a um enterro – lavar, vestir, preparar a sepultura e enterrar o falecido – não existe possibilidade de que a pessoa receba alguma retribuição do beneficiário de sua bondade. O falecido nunca retribuirá a bondade que recebeu. É verdade que o Todo-Poderoso nos recompensa por todas as *mitsvot* que fazemos, mas o falecido não retribuirá nossa bondade.

Na oração de *Shemonê Esrê* consta a seguinte passagem: *“gomel chasadim tovim”* – Ele, que nos concede boas bondades. Por que o *San’hedrin*, o grande tribunal rabínico que compôs o *Shemonê Esrê*, em sua imensa sabe-

doria, incluiu a aparentemente desnecessária palavra “boas” para nos dizer que tipo de bondade D’us nos concede?

A resposta é que D’us quis que imitássemos Seu comportamento, para assegurar que a bondade que praticamos seja realmente “boa”.

Todos temos a tendência de tentar racionalizar nossos atos. Nossos cérebros são ferramentas muito poderosas. Se você perguntar: “Cérebro, dê-me 10 razões para assaltar um banco”, ele lhe responderá: 1. Pense em todo o bem que poderá fazer com o dinheiro! 2. Ninguém sairá prejudicado, pois o banco tem seguro! 3. Será uma grande aventura. Etc. E se você pedir a seu cérebro 10 razões para não assaltar um banco, ele rapidamente responderá: 1. Você provavelmente será pego! 2. Irá para a cadeia. 3. Envergonhará seus familiares. 4. É errado! E assim por diante.

Todos devemos estar conscientes das motivações por trás de nossas atitudes e ter certeza de que estão sendo feitas pelas razões corretas.

Há uma história vil que ilustra bem este conceito:

“Um homem muito rico e miserável voltou à noite para casa e perguntou para sua esposa:

– O que temos para jantar?

A esposa respondeu:

– Frango. Mas me parece que ele

está com um cheiro esquisito...

– Conheço uma pessoa carente que está precisando de comida – disse o marido. – Vou levar este frango para ele. Você, querida esposa, prepare outra coisa para nosso jantar!

No dia seguinte, o marido chegou mais tarde do que de costume e a esposa perguntou:

– O que aconteceu?

– Lembra-se do pobre que passava fome e a quem dei o frango? – respondeu o marido. Ele ficou doente e eu fui cumprir a *mitsvá* de visitar os enfermos.

No terceiro dia o marido chegou muito atrasado. Quando a esposa perguntou a razão, o marido respondeu:

– Bem, você se lembra do pobre a quem dei o frango e que ficou doente? Infelizmente seu estômago era muito sensível e ele acabou morrendo. Eu fui tomar as providências para o seu funeral. Foi tudo muito triste, mas pensei no seguinte: Não é maravilhoso que conseguimos fazer três *mitsvot* – alimentar uma pessoa carente, visitar um doente e participar de um funeral?

Nossa lição: ao praticarmos atos de bondade, asseguremo-nos de que seja um ato bom para o receptor e que seja algo que ele realmente deseja!

Meor Hashabat Semanal

HM
Hecho por Mi
Costura - Crochê

Kissuim Imperdíveis!

Garanta já os seus!

Telefone: 94168-5077

A Pausa

Na pausa não há música, mas a pausa ajuda a fazer a música.

Na melodia da nossa vida, a música é interrompida aqui e ali por “pausas”... E nós, sem refletirmos, pensamos que a melodia terminou.

D’us nos envia, às vezes, um tempo de parada forçada. Pode ser uma situação difícil, planos fracassados ou esforços frustrados. Na verdade, Ele achou necessário fazer um intervalo... E isso causa uma pausa repentina no coral de nossa vida.

Mas como é que o maestro lê a pausa? Ele continua a marcar o compasso com a mesma precisão e toma a nota seguinte com firmeza, como se não tivesse havido interrupção alguma.

D’us segue um plano ao escrever a música de nossa vida. A nossa função é aprender a melodia e não desmaiar nas “pausas”. Elas não estão ali para serem passadas por alto ou serem omitidas, nem para atrapalhar a melodia ou alterar o tom. E sim para aprimorar!

Se olharmos para cima, D’us mesmo marcará o compasso para nós. Não nos esqueçamos, contudo, de que “a pausa ajuda a criar a música”. Com os olhos Nele, vamos emitir a próxima nota com toda a clareza, sem murmurarmos tristemente: “Na pausa não há música”.

Compor a música da nossa vida é geralmente um processo lento e trabalhoso. Com paciência, D’us trabalha para nos ensinar. E quanto tempo Ele espera até que aprendamos a lição!...

Lembre-se, a pausa não dura muito, é apenas um tempo suficiente para que você se renove e continue... Ela faz parte da música e torna-a mais ordenada e notável!

Pare... Observe melhor à sua volta. Valorize cada momento de sua vida! E aceite a pausa. Você ficará mais tranquilo e sereno, e será mais feliz. Muito mais feliz!



O Acendimento da Chanukiyá

A fim de recordar e de fazer saber o grande milagre de *Chanucá*, nossos sábios determinaram que acendêssemos as chamas de *Chanucá* durante as oito noites da festa. Geralmente, coloca-se a *chanukiyá* sobre uma mesinha, ao lado esquerdo da porta de entrada, frente à *mezuzá* – que está do lado direito – para envolver a entrada da casa com *mitsvot*. Há ainda aqueles que costumam colocar a *chanukiyá* na janela que dá para a via pública, de maneira tal que seja visível aos transeuntes. Contudo, não se deve colocá-la acima de 9,3 metros do solo.

A luz da *chanukiyá* é sagrada pelo fato de que é com ela que recordamos o acendimento da *Menorá* do *Bêth Hamicdash*. Ela não pode ser utilizada para outro fim, como para fazer algum trabalho ou para ler. Por isso, acrescentamos uma vela extra chama-

da *shamash*, cuja luz pode ser utilizada em caso de necessidade.

As luzes da *chanukiyá* devem estar alinhadas numa mesma fileira e todas devem ficar na mesma altura. As luzes devem estar distantes o suficiente para que as chamas não se toquem. No caso de usar velas de cera, deve-se aumentar a distância entre elas, para que uma não derreta a outra.

Na primeira noite de *Chanucá* (25 de *kislev*), acende-se uma vela; na seguinte, duas, na terceira, três e assim sucessivamente até a oitava noite, na qual acendem-se as oito velas (mais a vela piloto – *shamash* – que é acesa todas as noites). Assim decidiu *Bêth Hilel*, para que os transeuntes pudessem reconhecer – conforme o número de luzes – qual era o dia da festa. Não obstante, aquele que, por algum motivo, acende uma só vela todas as noites, pode acendê-la com as bênçãos correspondentes.

As luzes de *Chanucá* devem permanecer acesas pelo menos durante meia hora após o aparecimento das estrelas. Antes de acendê-las, devemos nos certificar de que temos a quantidade suficiente de azeite, ou no caso de usarmos velas, que estas sejam bastante grandes para que permaneçam acesas durante o tempo necessário. É preferível acender a *chanukiyá* com azeite a acendê-la com velas.

De preferência, acende-se a *chanukiyá* imediatamente após o aparecimento das estrelas. Porém, se não puder acender imediatamente após a saída das estrelas, poderá acender mais tarde, mas não muito tarde a ponto de não haver mais transeuntes nas ruas ou membros da família acordados em casa, para cumprir com a obrigação de divulgar o milagre de *Chanucá*. Durante a primeira meia hora, por respeito ao acendimento das velas, devemos tratar de não realizar nenhum trabalho – especialmente as mulheres, que tiveram participação decisiva relacionada com os acontecimentos da história de *Chanucá*.

Os *sefaradim* costumam acender uma *chanukiyá* por casa, devendo, de preferência, ser acesa pelo chefe da família com a presença de todos.

As mulheres têm a mesma obrigação que os homens de acender as velas. Portanto, num lugar onde só moram mulheres, uma delas deve acender a *chanukiyá* e recitar as respectivas bênçãos.

Os *ashkenazim* têm o costume de que cada membro da família acende sua própria *chanukiyá*, exceto as mulheres. As esposas devem acender somente quando o marido está ausente.

Na sexta-feira, véspera do *Shabat*, as velas de *Chanucá* são acesas antes daquelas que correspondem ao

Shabat. Deve-se preparar uma maior quantidade de azeite ou velas de tamanho maior, a fim de assegurar que ardam até meia hora após o nascer das estrelas. Sábado à noite, *motsaê Shabat*, acendem-se as luzes depois do término do *Shabat* – após a *Havdalá*.

Neste ano, a primeira vela de *Chanucá* deve ser acendida na noite de domingo, dia 28 de novembro. A vela deve ser posicionada no lado direito da *chanukiyá*.

A partir da segunda noite, acrescenta-se, a cada noite, uma nova vela à esquerda das primeiras. Costuma-se colocar as velas na *chanukiyá* da direita para a esquerda, mas devem ser acendidas da esquerda para a direita (veja ilustração). Ou seja, acende-se primeiro a vela correspondente àquela noite e, em seguida, a que foi acesa na noite anterior.

Deve-se sempre acender as velas da esquerda para a direita. Quando pronunciar a *berachá*, a vela mais próxima de quem recita a *berachá* deverá ser a vela daquela noite – a da esquerda.

Todas as noites recita-se as seguintes *berachot* (pronunciar os hífenos nos nomes de D'us como a letra "o").

Baruch Atá Ad-nay El-hênu Mêlech haolam asher kideshánu bemitsvotav vetsivánu lehadlic ner Chanucá (os *ashkenazim* terminam com: *ner shel Chanucá*).

Baruch Atá Ad-nay El-hênu Mêlech haolam sheassá nissim laavotênu bayamim hahem bazeman hazê.

Que significam:

A fonte das bênçãos és Tu, *Hashem* nosso D'us, Rei do Universo, Que nos santificou com Seus preceitos e nos ordenou acender a vela de *Chanucá*.

A fonte das bênçãos és Tu, *Hashem* nosso D'us, Rei do Universo,

Que fez milagres para os nossos antepassados naqueles dias nesta época.

Na primeira noite acrescenta-se uma terceira *berachá* antes de acender. Aqueles que, por algum motivo, deixaram de acender na primeira noite, quando acenderem pela primeira vez, também devem recitar a terceira *berachá*:

Baruch atá Ad-nay El-hênu Mêlech haolam shehecheyánu vekiyemánu vehiguíyánu lazeman hazê.

Que significa:

A fonte das bênçãos és Tu, *Hashem* nosso D'us, Rei do Universo, Que nos deu vida e nos fez existir e nos fez alcançar esta época.

Há quem costuma acender as velas com o auxílio do *shamash* e há os que utilizam uma outra vela. De qualquer forma, as bênçãos devem ser proferidas imediatamente antes do acendimento da vela da noite (e não antes do *shamash*).

Se uma vela se apagar durante o período da meia hora desde o aparecimento das estrelas, exceto no *Shabat*, costuma-se reacendê-la sem recitar novamente as bênçãos. É permitido apagar as velas ou mudá-las de lugar depois que arderam o tempo mínimo necessário de 30 minutos, exceto na sexta-feira à noite.

Se, por qualquer motivo, alguém não pôde acender as velas de *Chanucá* em uma das noites, deverá continuar a acender na noite seguinte conforme o número correspondente. Por exemplo: se não acender na quarta noite, deverá acender cinco velas na quinta noite.

Também na sinagoga deve-se acender as velas de *Chanucá*, proclamando assim o milagre ocorrido; porém, nenhum dos presentes, nem mesmo o encarregado de acendê-las, fica por isso isento de acender as velas em sua casa.

GUIA PRÁTICO DO ACENDIMENTO

Com horários exclusivos para a cidade de São Paulo

Todas as noites, acende-se o Shamash (ou uma outra vela auxiliar) e depois recita-se as seguintes berachot:
(Pronunciar os hífen nos nomes de D'us como a letra "o".)

*Baruch Atá Ad-nai El-hênu
Mêlech haolam asher kideshánu
bemitsvotav vetsivánu lehadlic
ner Chanucá.*

Os ashkenazim terminam com:
ner shel Chanucá.

*Baruch Atá Ad-nai
El-hênu Mêlech haolam
sheassá nissim laavotênu
bayamim hahem bazeman
hazê.*

Na primeira noite acrescenta-se uma terceira berachá antes de acender:

*Baruch Atá Ad-nay El-hênu
Mêlech haolam shehecheyánu
vekiyemánu vehiguiyánu
lazeman hazê.*

25
Kislev



1ª Noite

DOMINGO, 28/NOV
a partir de 19h07m.

26
Kislev



2ª Noite

SEGUNDA-FEIRA, 29/NOV
a partir de 19h07m.

27
Kislev



3ª Noite

TERÇA-FEIRA, 30/NOV
a partir de 19h08m.

28
Kislev



4ª Noite

QUARTA-FEIRA, 1/DEZ
a partir de 19h09m.

29
Kislev



5ª Noite

QUINTA-FEIRA, 2/DEZ
a partir de 19h10m.

30
Kislev



6ª Noite

SEXTA-FEIRA, 3/DEZ
Antes do acendimento das velas de Shabat,
que é às 18h21m.
Deve haver azeite suficiente para as chamas
arderem até as 19h41m

1
Tevet



7ª Noite

SÁBADO, 4/DEZ
Após a Havdalá, a partir de
19h22m.

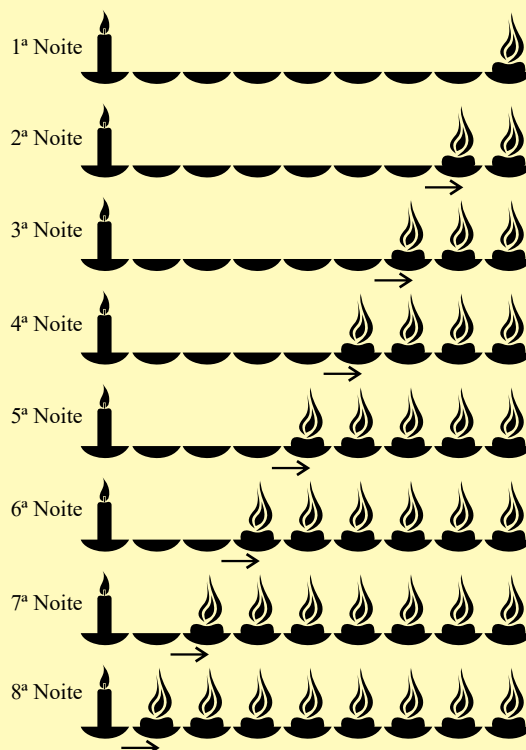
2
Tevet



8ª Noite

DOMINGO, 5/DEZ
a partir de 19h12m.

ACRESCENTAR UMA VELA A CADA NOITE E ACENDER DA ESQUERDA PARA A DIREITA



ACENDENDO A CHANUKIYÁ NA 3ª NOITE

Na terceira noite, por exemplo, deve-se recitar as duas
berachot e proceder da seguinte forma:

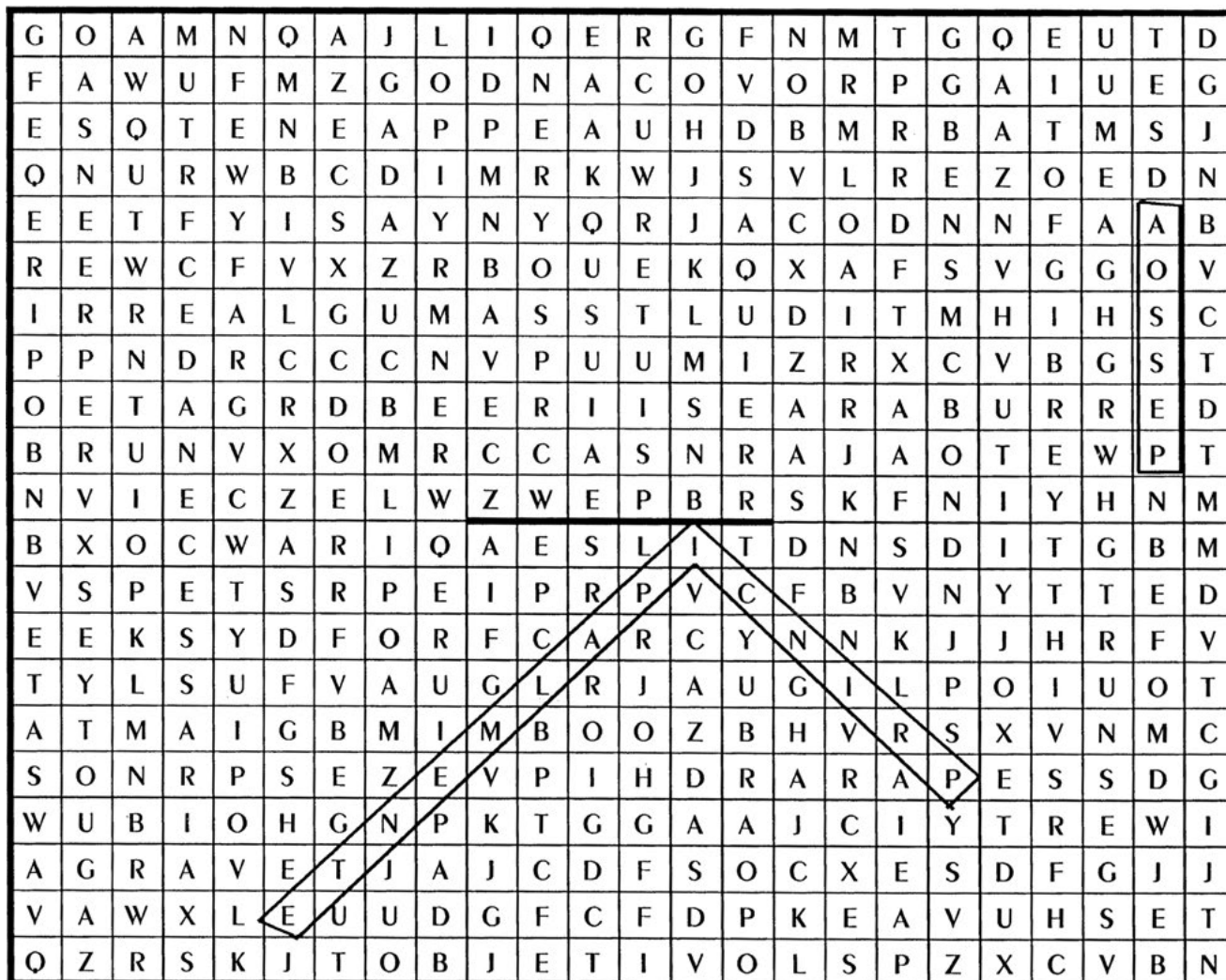
- 1º - Acender a vela nova,
a da esquerda;
- 2º - Acender a vela logo
à direita;
- 3º - Por fim, acender
a seguinte à direita.

Pega Palavra

Encontre no diagrama as palavras destacadas em **negrito** no texto abaixo. As palavras se encontram em linhas retas em todas as direções: horizontal, vertical e diagonal, em ordem direta ou inversa. Na busca, as palavras não podem ultrapassar a barreira, mas podem rebater nela.

A REPREENSÃO

Algumas vezes, a **repreensão** é **necessária** e **benéfica**. É quando procura **demonstrar** ao **pecador** não somente o **grave erro** que cometeu e a **necessidade** de fazer **teshuvá**, mas **principalmente** procura demonstrar que o erro faz a **pessoa** se distanciar de seu Criador **provocando** uma **barreira** entre eles. Esta repreensão tem como **objetivo** principal **derrubar** a **cortina** de ferro que pode vir a nos separar do Todo-Poderoso.



7 JOGO DOS ERROS



Trilha Maluca

Siga as linhas e encontre o significado destas importantes mitsvot.

ahavat Yisrael		amar e ajudar o próximo
bicur cholim		visitar os doentes
tsedacá		dar caridade
kibud av vaem		respeitar os pais



Menahem S. Khafif e Família

Desejam muito sucesso para a Congregação em todos os seus empreendimentos.

Albert Choueke e família

Parabenizam a Congregação Mekor Haim pelo belíssimo trabalho de divulgação da nossa sagrada Torá

Edmond Khafif e filhos

Parabenizam a Congregação Mekor Haim pela divulgação dos valores judaicos e desejam paz e saúde para todo Am Yisrael.

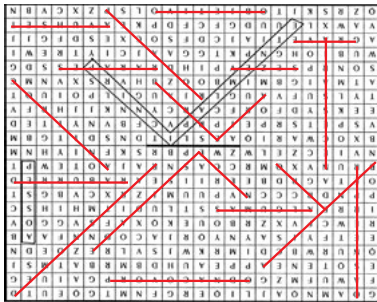
matemático

UM A QUATRO

Preencha o tabuleiro ao lado com algarismos de 1 a 4, de forma que eles não se repitam nem nas linhas, nem nas colunas, nem nas diagonais principais.

1			3
	4		

Respostas:



Trilha Maluca

Siga as linhas e encontre o significado destas importantes mitzvot.

- dhavor Yisrael - amar e ajudar o próximo
- bicur cholim - visitar os doentes
- tsedacá - dar caridade
- kibud av va'em - respeitar os pais

Solução:

4	3	1	2
1	2	4	3
2	1	3	4
3	4	2	1

KADUR
by Optimist

Deseja sucesso para toda a Kehilá!

www.kadur.com.br

VRASALON®
DESDE 1968

Deseja grande sucesso espiritual e material para todo Am Yisrael!

www.vrasalon.com.br

NASCENTE

A revista *NASCENTE* contém termos sagrados.

Por favor, trate-a com respeito.

ROSH CHÔDESH

Sexta-feira, dia 05 de novembro.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi): Quinta-feira, dia 11 de novembro, às 19h55m (horário para São Paulo).

Final: Sexta-feira, dia 19 de novembro, às 3h59m (horário para São Paulo).

BARECH ALÊNU

Começa-se a recitar o trecho de Barech Alênu (veten tal umatar) nas amidot a partir do Arvit de Motsaê Shabat, dia 4 de dezembro.

CHANUCÁ

De 28 de novembro a 6 de dezembro.

Primeira vela - Domingo, dia 28 de novembro à noite.

Oitava vela - Domingo, dia 5 de dezembro à noite.

Em Chanucá é proibido jejuar.

Durante os dias de Chanucá não se diz Tachanun, recita-se o Hallel completo e faz-se as leituras especiais na Torá. Nesta festa, instituída por nossos sábios, celebramos a grande salvação que D'us proporcionou aos macabeus, que apesar de serem poucos, se comparados com as forças helenísticas, derrotaram-nas. Comemoramos também o milagre da ânfora de azeite, cujo conteúdo bastava para um único dia, mas que durou oito – o tempo necessário para a produção de novo azeite puro.

Chanucá quer dizer inauguração (ou consagração) e refere-se à reconsagração do Templo ao serviço Divino, após ter sido profanado com imagens e práticas pagãs durante o domínio greco-assírio.

Chanucá é observada durante oito dias, a partir do dia 25 de Kislev, com o acendimento da chanukiyá ao anoitecer.

De preferência, acende-se a chanukiyá imediatamente após o aparecimento das estrelas e não muito tarde a ponto de não haver mais transeuntes nas ruas ou membros da família acordados em casa, para cumprir a obrigação de divulgar o milagre. Durante meia hora após o acendimento, em honra às luzes de Chanucá, evitamos realizar qualquer trabalho – especialmente as mulheres, pois elas tiveram participação decisiva no desfecho dos acontecimentos da história de Chanucá. Tanto os homens quanto as mulheres têm obrigação de acender as luzes de Chanucá. Porém, mulheres casadas somente devem acender quando o marido está ausente. Os sefaradim costumam acender uma chanukiyá por casa, devendo, de preferência, ser acesa pelo chefe da família com a presença de todos. Os ashkenazim têm o costume de cada membro da família acender a sua própria chanukiyá, exceto as mulheres. Costuma-se colocar as velas na chanukiyá da direita para a esquerda, mas devem ser acesas da esquerda para a direita. Há quem costuma acender as velas com o auxílio do shamash e há os que utilizam uma outra vela. De qualquer forma, as bênçãos devem ser proferidas antes do acendimento da vela do dia – e não antes do acendimento do shamash.

ROSH CHÔDESH

Sábado e Domingo, dias 4 e 5 de dezembro.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.
Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.
Acrescenta-se o Hallel completo (por ser Chanucá) em Shachrit.
Acrescenta-se a oração de Mussaf.

JEJUM 10 DE TEVET
Terça-feira, 14 de Dezembro.

Início - 03h57m. Término - 19h15m (em São Paulo).

Foi nesta data que Nabucodonossor, rei da Babilônia, completou o cerco de Jerusalém e a cidade passou a sofrer as consequências deste sítio. Este foi o início do processo que culminou com a destruição do Primeiro Templo e o Exílio Babilônico.

BIRCAT HALEVANÁ
PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):
Sábado, 11 de dezembro, às 19h27m
(horário para São Paulo).
Final: Domingo, 19 de dezembro,
às 03h01m (em São Paulo, no horário de verão).

NASCENTE Faça seu site conosco!

Equipe especializada em desenvolvimento de sistemas web (CRM, ERP, CMS)
Criação de sites e portais personalizados

Fone: 11 3822-1416

revista_nascente@hotmail.com

HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

19 de novembro	-	18h11m	07 de janeiro	-	18h38m
26 de novembro	-	18h16m	14 de janeiro	-	18h39m
03 de dezembro	-	18h21m	21 de janeiro	-	18h38m
10 de dezembro	-	18h26m	28 de janeiro	-	18h36m
17 de dezembro	-	18h30m	04 de fevereiro	-	18h33m
24 de dezembro	-	18h34m	11 de fevereiro	-	18h30m
31 de dezembro	-	18h37m	18 de fevereiro	-	18h25m

PARASHAT HASHAVUA

20 de novembro	- Parashat: Vayishlach	Haftará: Chazon Ovadyá (sefaradim)
27 de novembro	- Parashat: Vayêshev	Haftará: Côm Amar Hashem
04 de dezembro	- Parashat: Mikets (Chanucá)	Haftará: Roni Vessimchi
11 de dezembro	- Parashat: Vayigash	Haftará: Vayhi Devar Hashem
18 de dezembro	- Parashat: Vaychi	Haftará: Vayicrevu Yemê David Lamut
25 de dezembro	- Parashat: Shemot	Haftará: Divré Yirmeyáhu (sefaradim)
01 de janeiro	- Parashat: Vaerá	Haftará: Côm Amar Hashem Elokim
08 de janeiro	- Parashat: Bôm	Haftará: Hadavar Asher Diber Hashem
15 de janeiro	- Parashat: Beshalach	Haftará: Vatáshar Devorá (sefaradim)
22 de janeiro	- Parashat: Yitrôm	Haftará: Bishnat Mot Hamêlech Uziyáhu
29 de janeiro	- Parashat: Mishpatim	Haftará: Hadavar Asher Hayá el Yirmeyáhu
05 de janeiro	- Parashat: Terumá	Haftará: Vashem Natan Chochmá Lishlomôm

HORÁRIO DAS TEFILOT

Shachrit - De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin), 06h20m (Midrash Shelomôm Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).

Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.



“Achados e Perdidos”

CHAYIM WALDER

Meu nome é Reuven.

Estudo na quarta série e sou um garoto como os outros.

A história que quero lhes contar aconteceu durante um longo período. Na verdade, durou um ano inteiro.

Um dia – é assim que a maioria das histórias começam – eu voltava da escola quando vi um estojo preto e grosso caído na rua.

Fui descuidado. Não tive medo, por algum motivo, de que aquilo fosse alguma coisa perigosa, e abri-o.

Dentro do estojo havia uma máquina fotográfica. Ela possuía um monte de lentes e botões. Não era uma máquina digital. Era do tipo das máquinas antigas.

Cheguei em casa e contei para minha mãe sobre meu achado.

Observamos bem a máquina e o estojo, mas não encontramos nenhum nome inscrito neles. Sentei em meu quarto e tentei encontrar algum sinal de identificação, sem sucesso.

Eu queria muito fazer a mitsvá de devolver meu achado para seu dono.

De repente, tive uma ideia. Corri para minha mãe e exclamei:

- Há um sinal sim! Um bom sinal! Vamos revelar o filme de dentro da máquina e, analisando as fotografias, saberemos a quem ela pertence.

Mamãe concordou que aquela era uma ideia excelente.

Corri imediatamente para a loja reveladora.

Dei o filme e esperei, curioso e tenso, pelos resultados.

Depois de uma hora, o atendente me comunicou, com tristeza, que todas as fotos saíram queimadas, exceto uma. Ele me mostrou a única fotografia que sobrara, na qual se via o seguinte: um enorme sapo, um árabe, um homem estranho que parecia ter fugido da prisão, um bebezinho fofinho, um homem vestido de chassid e mais um homem que eu também não conhecia.

Parece-lhes estranho? Para mim também foi.

Observei mais uma vez a foto, virei-a e revirei-a. Meu espanto crescia cada vez mais. Depois de meia hora de observação, o atendente disse-me impacientemente:

- Garoto, estamos fechando e você ainda não pagou!

Paguei-lhe pela revelação e corri para casa.

Ao chegar em casa fui direto para o meu quarto. Peguei uma lente de aumento e passei a verificar cuidadosamente a fotografia. Vi, ao fundo da fotografia, uma mesa com docinhos, garrafas e pratos.

- Parece que esta fotografia foi tirada em alguma festa - pensei comigo mesmo.

O sapo não era verdadeiro e também não era um boneco de pelúcia - era uma pessoa fantasiada de sapo. Depois de olhar bem para o rosto do "presidiário", percebi que era um garoto que desenhara um bigode em seu rosto e vestira pijamas listrados. O árabe com sua "cafia" era outro menino...

Compreendi tudo!

Aquela foto devia ter sido tirada em Purim. Todos os garotos da foto estavam fantasiados: um de sapo, outro de prisioneiro e o terceiro, de árabe. Quanto ao chassid, eu não sabia dizer se era "verdadeiro" ou se era uma fantasia. Já o homem e o bebê, eu não tinha dúvidas, eram verdadeiros!

Depois de ter resolvido o mistério daquela fotografia estranha, só sobrou um enigma: quem eram as pessoas da foto?

Relatei minhas descobertas a minha mãe. Ela ficou surpresa com minha investigação de detetive e surpreendeu-se com minhas conclusões detalhadas.

Depois de olhar para a fotografia, ela disse:

- Vamos pendurar cartazes na rua e telefonar para o jornal, pedindo para publicarem um aviso na seção de achados e perdidos.

Assim fizemos. Mas ninguém telefonou.

Os dias foram passando e a máquina fotográfica continuava em nossa casa, inútil. Mas eu não a esqueci, muito menos da mitsvá que eu tinha de cumprir: hashavat avedá - devolução de um objeto perdido.

Às vezes, ficava observando a fotografia e imaginando como seria possível encontrar as pessoas que nela apareciam. Foi então que tive uma ideia: o dono da máquina, como toda pessoa, deveria ter dezenas de parentes e algumas centenas ou milhares de conhecidos.

Resolvi mostrar a fotografia a todos aqueles que eu conhecia. Quem sabe um deles conhecesse alguma pessoa da foto...

Meus parentes não conheciam; tampouco os garotos de minha classe. Comecei a mostrar a fotografia para os alunos mais velhos e mais jovens da escola, mas ninguém conhecia.

Durante um ano inteiro, mostrei a fotografia para todos aqueles com quem travava contato: aqueles que vinham em casa, aqueles que eu ia visitar, os rapazes da yeshivá próxima de minha casa, o vendedor de livros, o dono da mercearia, o funcionário do correio. Para minha tristeza, ninguém conhecia as pessoas da foto. Alguns faziam troça da estranha fotografia. Um disse que não tinha amigos presos nem sapos, o segundo apontou a espada do árabe e exclamou: "Você está me dando medo!".

Ninguém conhecia aquelas pessoas. Mas eu não perdi as esperanças.

Um dia, bateram à porta. Era um estudante de yeshivá que queria saber onde morava a família Rachnileviz. Respondemos-lhe imediatamente:

- No prédio ao lado.

Ele estava quase indo embora, quando me lembrei, de repente, de algo e chamei-o.

- Ei, você poderia esperar um minuto?

Ele virou-se e esperou. Corri do meu quarto e trouxe a famosa fotografia.

- Por acaso você conhece alguma destas pessoas? - perguntei.

O rapaz observou a foto e, para minha surpresa, disse:

- Sim, este chassid chama-se Rav Mozes. Ele era professor de meu irmão na yeshivá.

Com as mãos trêmulas, anotei o endereço do rabino e esperei pela minha mãe. Quando ela chegou, telefonou imediatamente para a casa da família Mozes.

- Alô? - disse minha mãe. - Família Mozes?

- Sim... - respondeu uma voz feminina.

- Vocês por acaso perderam uma máquina fotográfica?

- Não - respondeu a voz.

Minha mãe pediu desculpas e retornou o telefone ao gancho.

- Voltamos à estaca zero - disse ela.

- Não pode ser! - eu disse. - O rapaz disse que tinha certeza de que o homem da fotografia era este Rav Mozes!

Decidi, apesar de tudo, ir ao endereço que o rapaz me deu. Depois de vinte minutos de caminhada, cheguei à casa.

Hesitante, bati à porta. Uma mulher apareceu. Provavelmente a mesma que atendera ao telefone.

- Sim, garoto, o que deseja?

- Eu... bem, o telefonema... minha mãe telefonou a respeito da máquina fotográfica... - gaguejei.

- Mas a máquina não nos pertence - ela disse.

- Mesmo assim, gostaria que desse uma olhada nesta foto e me dissesse se conhece quem está fotografado nela - eu disse, estendendo-lhe a foto.

Ela observou a foto e disse:

- De fato, este é meu marido. Este "árabe" é meu filho fantasiado. Meu marido com certeza sabe quem são as outras pessoas. Ele chegará dentro de quinze minutos.

Esperei, muito nervoso. Passaram-se dez minutos e aquele chassid apareceu à minha frente.

Sua esposa aproximou-se, mostrou-lhe a fotografia e perguntou:

- Você conhece o resto das pessoas da foto?

O homem pegou seus óculos e eu fiquei tenso como uma mola.

- Sim. Este é o professor de Yossi, o Rav Landman. Fomos visitá-lo em Purim para levar-lhe mishlôah manot, lembra-se?

Entrão a mulher virou para mim e disse:

- Espere um pouco, por favor.

Ela pegou uma lista telefônica, discou alguns números e então ouvi a seguinte conversa:

- Família Landman? Seu marido está em casa?... Sei... Diga-me, vocês perderam uma máquina fotográfica? Sim? Quando? Em Purim? Ouça, tem um garoto que a encontrou.

Ela me chamou ao telefone, mas eu tive vergonha de ir.

No dia seguinte, levei a máquina para a família Mozes. Seu filho, David, levou-a ao professor Landman.

De noite, recebi um telefonema. Com palavras emocionadas, o Rav Landman agradeceu-me pelos meus esforços:

- Esta máquina de fato vale muito dinheiro, mas seus esforços desmedidos e sua vontade de cumprir a mitsvá de restituir algo perdido valem como ouro aos meus olhos! Você não imagina a recompensa que receberá dos Céus por ter se ocupado com uma mitsvá durante um ano inteiro!

O Rav Landman agradeceu-me mais uma vez e desligou. Somente então senti a verdadeira felicidade que vem ao se fazer uma mitsvá com muito esforço. Acreditem, não há felicidade maior que esta!

Tradução de Guila Koschland Wajnryb

Permissões exclusivas para a NASCENTE

Chayim Walder em "Yeladim Messaperim al Atsmam",
baseado em cartas recebidas de crianças.

Daf Hayomi

The screenshot shows the 'Daf Hayomi >> NEDARIM' section of the website. On the left, there is a video player for 'Nedarim 14' featuring a man in a white shirt and tie. On the right, a list of lessons is displayed with icons for play, download, and volume. Below the list, there is a section for the current lesson with Hebrew text and a 'Próxima' button.

Lesson	Date	Duration
Nedarim 2	26/mar/15	31m51s
Nedarim 3	27/mar/15	38m49s
Nedarim 4	28/mar/15	41m52s
Nedarim 5	29/mar/15	33m26s
Nedarim 6	30/mar/15	11m18s
Nedarim 7	31/mar/15	33m23s
Nedarim 8	01/jun/15	28m19s
Nedarim 9	02/jun/15	30m42s
Nedarim 10	03/jun/15	33m20s
Nedarim 11	04/jun/15	34m49s
Nedarim 12	05/jun/15	42m52s
Nedarim 13	06/jun/15	11m17s

Acompanhe as aulas diárias de Guemará no

Portal Judaico Brasileiro

www.revistanascente.com.br

Aulas de TODAS as páginas publicadas!

www.revistanascente.com.br



Leiluy Nishmat

Moshê ben Shefia z"l

Nissim ben Emilie z"l

Raffaele ben Salha Picciotto z"l

Siahou Haim Dayan ben Adel z"l

Simon Alouan ben Guilsome z"l

Ester bat Sofi Shafia z"l

Renée Khafif bat Emily z"l

Shlime bat Feigue z"l



Leiluy Nishmat
Sr. Charles Cohab Z"L
Sr. Alberto Douer Z"L



Bank Cainvest

www.cainvest.com